



ESFERAS IMATERIAIS E SINTONIAS LIBERTÁRIAS

Luis Fernando Ayerbe

Organizador

Luis Fernando Ayerbe

Capa e Diagramação

Gianfrancesco Afonso Cervelin

Revisão

Adalton César da Luz Oliveira

ESFERAS IMATERIAIS E SINTONIAS LIBERTÁRIAS

Luis Fernando Ayerbe

Ficha catalográfica

A977e Ayerbe, Luis Fernando
Esferas imateriais e sintonias libertárias / Luis
Fernando Ayerbe. -- Guarujá, 2021.
pdf

1. Noosfera. 2. Intelecto geral. 3. Nova era. 4. Política
imaterial. 5. Pós-capitalismo. I. Título.

CDD 300

Bibliotecária responsável Graziela Cervelin CRB9/1834

Para Eliane
“É você
Só você
Que invadiu o centro do espelho”

SUMÁRIO

DESCONFINAMENTO.....	7
1. REAÇÃO CONSERVADORA E ACELERAÇÃO PÓS-CAPITALISTA.....	13
1.1. A SOMA DE TODOS OS MEDOS.....	15
1.2. MEU BEM/MEU MAL.....	27
2. ESFERAS IMATERIAIS.....	41
2.1. NOOSFERA.....	43
2.2. INTELECTO GERAL.....	55
2.3. AQUÁRIO.....	63
3. ITINERÁRIOS.....	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	83
SOBRE O AUTOR.....	91

DESCONFINAMENTO

“Sol esse sol, onde está aonde vai, se se perde, que cores haverá?
Vejo através do grosso muro, aquele sol que espero”. Iluminem a terra, Aquelarre

As relações humanas em que situações de poder estejam presentes, por desiguais, opressivas e destrutivas que sejam, ou por anômicas que se apresentem, são passíveis de compreensão, explicação e transformação em conhecimento científico. Confia-se em capacidades interpretativas que revelam processos e seus atores, inclusive aqueles que são sujeitos de barbárie.

A indignação cabe na análise de cenários de violência, mas frequentemente me percebo evidenciando sobremaneira o distanciamento, a prevalência compreensiva de racionalidades meios-fins. Fidelidade extrema à separação weberiana da vocação para a ciência e a política?

Penso no personagem Tom, de *Dogville*, espécie de intelectual do vilarejo que dá nome ao filme de Lars von Trier, na sua relação com Grace, recém-chegada, fugindo da perseguição de um gângster. A jovem começa a prestar serviços à comunidade, como retorno pelo refúgio oferecido e, paulatinamente, passa a ser cada vez mais explorada, até que em determinado momento se torna objeto de abusos

sexuais. Tom adquire protagonismo apresentando-se como mediador, organizando a realidade a partir de argumentos que se afigurem admissíveis tanto para a vítima como para seus algozes.

O intelectual de *Dogville* analisa o contexto e elabora cenários sobre os quais caberá aos sujeitos dessa história a tomada de decisões, desde posições de poder cuja desproporção antecipa o resultado. O filme conclui com a chegada ao vilarejo do gângster que supostamente perseguia Grace, mas que de fato é seu pai. Interpelada por ele sobre como proceder com relação aos moradores, pede para que sejam executados. E assim acontece, com a exceção de Tom, ultimado por Grace.

Trata-se de obra de ficção e não está aqui em questão a natureza do fazer científico, o objetivo é destacar situações em que se evidencia a passagem entre intelectão, consciência e ação de mudança. Sendo assim, faço algumas indagações.

- Quando a comunidade é alertada sobre o tratamento opressivo perpetrado à Grace, de encontro a valores religiosos professados em Dogville, o previsível seria um choque de consciência capaz de mudar esse comportamento? Nesse caso, a pessoa ilustrada, portadora de reconhecida sapiência, detém por excelência a capacidade e autoridade para ordenar e agregar juízos e condutas coletivas? Ou seria a reação de quem é objeto de abuso, que passa a olhar seus opressores como inimigos, incorrigíveis e, portanto, indignos de misericórdia, e no momento em que dispõe de força material, os elimina do cenário?

- A indignação ou desconforto frente ao que se observa ou vivencia é o que determina mudança de comportamento? Com ou sem mediações de agente externo detentor de conhecimento? Pela força material da militância que absorve pedagogias de filosofias seculares ou religiosas? Pela transmutação imaterial de energia da mente individual e coletiva?

A análise desenvolvida neste livro envereda por essas questões, indagando sobre a projeção de ideias e posturas que visualizam esferas imateriais como campo estratégico de mudanças civilizatórias que interconectam dimensões individuais, locais, nacionais, globais, planetárias e cósmicas. As variações expressam visões de mundo ancoradas na política, na ideologia, no espiritualismo, às vezes em diálogo com o campo da pesquisa científica.

Frequentemente nos deparamos com que a leitura e o contato com ideias e posições das quais discordamos rotundamente, nos situam, por oposição, no desvendamento de aberturas que trazem esclarecimentos para a nossa própria perspectiva. Seguindo essa metodologia, o primeiro capítulo começa com a exposição de ameaças existenciais ao modo de vida estadunidense presentes na leitura da direita identificada com Donald Trump. Na sequência, apresentam-se abordagens em direção oposta, mostrando que, de fato, a realização do outro mundo possível almejado como perspectiva libertária, corresponde aos medos invocados pela reação conservadora.

A partir de visões político-ideológicas antagônicas, revelam-se expectativas comuns de fim de ciclo, cuja base de referência é o processo recente de aceleração da globaliza-

ção sob hegemonia neoliberal. Por um lado, desponta uma direita etnonacionalista, mirando contra projeto globalista fundamentado em concepção antissistema, rotulado como “marxismo cultural”. Na contramão, correntes de esquerda enxergam na aceleração capitalista agente catalizador de contradições tecnológicas, cognitivas e socioeconômicas com potencial de tornar o sistema ingovernável. Na reação conservadora ou na aposta de superação pós-capitalista, opera-se paradoxal convergência de expectativas finalistas.

Os cenários em que essa disputa se desenrola são expressivos do crescente protagonismo que adquirem as redes comunicacionais da era digital, trazendo para a centralidade da análise o significado e o alcance da imaterialidade como esfera de convivência ou conflito nas relações humanas.

O segundo capítulo avança nessa discussão, apresentando três variantes: 1) a Noosfera, dimensão abarcadora da mente, trazendo leituras que a vislumbram como direção convergente da humanidade, no campo da estratégia nacional, especialmente Estados Unidos e Rússia, da sociedade civil, da espiritualidade e da ciência; 2) o Intelecto Geral, expressão de inspiração marxiana retomada por correntes de esquerda que colocam no centro do dinamismo do sistema a produção e apropriação do conhecimento, visualizando na emancipação do trabalhador cognitivo o epicentro de uma transição pós-capitalista; 3) Aquário, referência espiritualista da chamada Nova Era, em interlocução frequente com estudos multidisciplinares em centros de pesquisa e universidades, que adquire notoriedade global sob o impulso de movimentos da contracultura a partir

dos anos 1960, impactando na disseminação premonitória de transmutações de alcance planetário e cósmico.

O objetivo dos dois capítulos é evidenciar um conjunto de olhares que tem na esfera imaterial o foco das suas expectativas transformadoras, em direções diversas, às vezes antagônicas. Não se trata do estudo crítico de cada abordagem, mas de evidenciar paralelos reveladores de um espírito de época.

Partindo desse labirinto de visões sobre o habitar do mundo, o terceiro capítulo elenca itinerário de questões que buscam dar corpo à indagação suscitada no início sobre a presença das emoções na análise da política, aventando sintonias em sentido libertário.

Parafraseando o músico Fito Paez: Quem disse que tudo está perdido? Sempre haverá quem venha a oferecer seu coração.

**1. REAÇÃO
CONSERVADORA E
ACELERAÇÃO PÓS-
CAPITALISTA**

1.1. A SOMA DE TODOS OS MEDOS

“Onde quer que tenha conquistado o poder, a burguesia calçou aos pés as relações feudais, patriarcais e idílicas (...). Afogou os fervores sagrados do êxtase religioso, do entusiasmo cavalheiresco, do sentimentalismo pequeno-burguês nas águas geladas do cálculo egoísta. Fez da dignidade pessoal um simples valor de troca; substituiu as numerosas liberdades, conquistadas com tanto esforço, pela única e implacável liberdade de comércio”. Karl Marx e Friedrich Engels (2008)

Em 21 de julho de 2017, o então diretor no Escritório de Planejamento Estratégico do Conselho de Segurança Nacional dos Estados Unidos (EUA), Rich Higgins, foi informado sobre sua demissão. Questionada pela imprensa sobre o motivo, a Casa Branca respondeu tratar-se de assunto interno, a respeito do qual não cabia dar explicações. Diferentemente da declaração oficial, Higgins atribuiu o fato a setores opositores da plataforma que elegeu

Donald Trump, uma espécie de Estado Profundo impermeável às mudanças de governo.

Perdi meu emprego porque era leal ao presidente (...). Havia alguns partidários de Trump na equipe, mas éramos em menor número e quase todos ignorados (...). Isso significava que os remanescentes de Obama deveriam ser substituídos por pessoas que executariam a agenda do novo presidente. (Higgins, 2020).

Em maio, Higgins havia divulgado um relatório em que manifestava preocupações com a desestabilização da administração Trump, atirando contra amplo leque de setores, aos quais atribui uma trama conspiratória pautada no “Marxismo Cultural”, uma espécie de mão invisível capaz de mobilizar amplo e inusitado leque de atores:

- A Mídia Mainstream – O mecanismo principal para implementar narrativas.
- A Academia (...) um canal-chave para a criação de futuros adeptos às narrativas marxistas culturais e suas visões de mundo derivadas.
- O Estado Profundo – O resultado bem-sucedido do marxismo cultural é um estado burocrático em dívida com ninguém, certamente não para o povo americano (...)
- Corporações & banqueiros globais – Exploração de populações, livre de proteções nacionais e noções de moralidade pessoal e piedade.
- Liderança Democrata – (...) executa, sustenta e protege programas de ação marxistas culturais e facilita a expansão implacável do estado profundo.

- Liderança Republicana – Com mais medo de ser acusada de racista, sexista, homofóbica ou islâmica do que de não cumprir seus juramentos de “apoiar e defender a Constituição” (Higgins, 2017).

Sua demissão sumária torna explícita uma delimitação do campo de atuação da Alt-right (Direita Alternativa), importante suporte ideológico da candidatura de Donald Trump. Trata-se de corrente heterogênea que inclui setores com agendas que envolvem nacionalismo baseado na supremacia branca, anti-imigração, antifeminismo, islamofobia, neonazismo, declarando-se em antagonismo com globalismos que considera desintegradores do “Ocidente judaico-cristão”.

Articulados principalmente em torno do portal *Breitbart News*, seu diretor, Steve Bannon, assume a coordenação da estratégia de campanha de Trump, que após a posse o nomeia assessor especial. Isolado pelo enfrentamento com setores receosos de que seu extremismo militante se tornasse o perfil mais visível da administração – agravado pelos incidentes em Charlottesville de agosto de 2017, quando confrontos de rua durante manifestação de grupos supremacistas brancos levou à morte de uma ativista antidiscriminação –, apresenta a renúncia.

Quando vivenciava momento ascendente, Bannon chegou a se comparar com Vladimir Lênin em sua epopeia para destruir o Estado: “Quero derrubar tudo e destruir todo o establishment atual” (Radosh, 2016). Parte de seu ideário foi apresentado em conferência realizada em 2014, durante evento no Vaticano, quando advertiu sobre a exis-

tência de uma grave crise no Ocidente judaico-cristão, envolvendo o capitalismo, a fé e a religião.

No âmbito do capitalismo, a crise se expressaria na prevalência de dois modelos que subvertem os “fundamentos espirituais e morais do cristianismo (...) Um deles é o capitalismo patrocinado pelo Estado (...) que se vê na China e na Rússia (...). O segundo é um capitalismo que parece transformar as pessoas em commodities” (Feder, 2016). Somado à secularização, em que vê uma perda de espaço da fé frente à cultura popular, Bannon alerta para brechas favoráveis à ofensiva do que seria o grande inimigo do século XXI, o “fascismo islâmico jihadista”.

Curiosamente, o nacionalismo de Bannon corre em curso paralelo, e não contraditório, com a economia de mercado, deixando claros os limites de seu “leninismo antiestablishment”:

Mais intervenção do Estado na economia, nas nossas vidas, leva a um completo fracasso (...). A agenda nacionalista é possível de ser feita sem a intervenção do Estado. Nacionalismo é colocar o seu país primeiro. Nacionalismo não diz que é preciso ter o Estado envolvido nos negócios. (Bulla, 2019).

Após a chegada de Trump ao governo, a reação do “capitalismo da comoditização” denunciado por Bannon não se faz esperar. A revista *The Economist* estabelece pautas sobre o que fazer.

O primeiro passo é limitar os danos (...). Os republicanos moderados e os aliados dos EUA precisam dizer ao presidente por que Bannon e os que comungam

de sua ideologia estão errados (...). Também é fundamental convencer Trump de que são as alianças que garantem a supremacia dos EUA (...). Se Trump realmente deseja colocar os EUA em primeiro lugar, sua prioridade deveria ser fortalecer os laços diplomáticos do país, não tratar seus aliados com desprezo. E se o conselho for ignorado? Os aliados dos EUA precisam manter as instituições multilaterais em pé para o dia em que Trump deixar a Casa Branca. (*The Economist*, 2017).

A demissão de Higgins e a renúncia de Bannon minam a presença da Direita Alternativa no centro do governo. Fracassa, porém, o objetivo de chamar o presidente à ordem. Na perspectiva de reverter o “desvio de rota” atribuído ao trumpismo, a concentração de esforços apostará na candidatura do Partido Democrata às eleições de 2020, composta por Joe Biden e Kamala Harris, que vencem a disputa.

A derrota eleitoral, que implica numa reversão da presença no âmbito do Estado de corrente extremista etnonacionalista, não significa que seu ideário, assim como seus veículos de organização e expressão, tenha se desvanecido. Na pauta permanente dessa reação conservadora, destaca-se a exaltação de medos existenciais na preservação de um modo de vida sob ofensiva de conjunto heterogêneo de atores, imbuídos de narrativas e agendas cujo principal denominador é o “Marxismo Cultural”.

Uma voz precursora desse alerta é Linda Kimball que, em 2007, chamou a atenção para a presença de uma Esquerda que, sob nova roupagem, retoma tradições que

pareciam ter sido derrotadas com o fim da União Soviética e a vitória dos EUA na Guerra Fria.

Tanto o comunismo quanto a Nova Esquerda estão vivos e prosperando aqui na América. Eles preferem palavras-código: tolerância, justiça social, justiça econômica, paz, direitos reprodutivos, educação sexual e sexo seguro, escolas seguras, inclusão, diversidade e sensibilidade. Em conjunto, isso é o marxismo cultural disfarçado de multiculturalismo. (Kimball, 2019).

Em termos de referências teóricas, Kimball associa ao militante comunista italiano Antônio Gramsci a ampliação da estratégia revolucionária pela incorporação da hegemonia cultural como campo de luta, e de uma noção de sujeito que vai além do proletariado.

Em seus “Cadernos do Cárcere”, ele sugeriu que o novo proletariado fosse composto de criminosos, mulheres e minorias raciais. O novo campo de batalha, argumentou Gramsci, deve se tornar a cultura, começando com a família tradicional e envolvendo completamente igrejas, escolas, mídia, entretenimento, organizações cívicas, literatura, ciência e história. (op. cit., 2019).

Um exemplo emblemático da forte presença da herança gramsciana patrocinada pela agenda multiculturalista seriam as “intimidações psicológicas” do “politicamente correto”: “para que alguém não seja considerado racista ou fascista, não só deve ser isento de julgamentos, mas também deve abraçar os novos absolutos morais: diversida-

de, escolha, sensibilidade, orientação sexual e tolerância” (Kimball, 2019).

Em artigo posterior, Kimball atualiza sua análise incorporando os ataques do politicamente correto que miram no então presidente Trump. Paralelamente, alerta para a ameaça do transumanismo, ideia força que estaria por trás da agenda do Grande Reinício apresentada pelo Fórum Econômico Mundial em reunião de junho de 2020:

O marxismo cultural (também multiculturalismo) substitui a classe operária com quatro raças oprimidas – negros, LGBTQ+, estrangeiros ilegais e mulheres (...) vitimizadas e oprimidas pela (...) população socialmente conservadora, principalmente cristã branca e conservadora, em particular Donald Trump e homens brancos heterossexuais em geral (...) O marxismo é apenas uma das muitas ideologias utópicas científicas modernas. O Transumanismo Global com sua utopia do Grande Reinício é outra (...) (que) compartilha a redução do ser humano a agregados desalmados de matéria, hólons, ou com a Tecnocracia Transumana, ativos digitais. (Kimball, 2021).

O Fórum Econômico Mundial (FEM) foi fundado em 1971, e realiza anualmente na colônia de Davos, na Suíça, reunião convocada a partir de um tema representativo do momento econômico, com a presença de empresários, intelectuais, funcionários de governos e lideranças políticas. Historicamente considerado expressão das elites orgânicas do capital global e da agenda de liberalização dos mercados, no encontro de 2020, sob a consigna “Covid-19: O

grande reinício”, propõe-se como ponto de largada de um capitalismo pós-neoliberal.

No documento resultante da reunião, a pandemia é apresentada como aceleração de tendências globais antecipadas pela crise financeira de 2008 (Ayerbe, 2019), expondo fragilidades econômicas, sociais, políticas e ambientais associadas à “doutrina neoliberal” e “seu ‘fetichismo de mercado’ à qual “a COVID-19 deu o golpe de misericórdia” (Schwab; Malleret, 2020).

Como resposta, aponta-se para um cenário em que o incremento da presença do Estado na economia e no bem-estar social, com impacto na redistribuição da renda, na saúde, no controle ambiental, na segurança e governança global, serão inevitáveis. A isso se associa o poder da tecnologia, sendo que as exigências de distanciamento físico impostas pela pandemia operam como catalisadores de mudanças que vieram para ficar, com a aceleração da automação, robotização, rastreamento digital, ampliando possibilidades de vigilância, prevenção e controle de riscos, mesmo afetando a privacidade individual.

Apesar do ambicioso nome, o “Grande Reinício” não apresenta uma pauta programática a ser implementada, sendo basicamente um chamado de alerta a partir de uma análise das fragilidades sistêmicas expostas pela pandemia e aspectos a serem levados em conta na construção de um mundo pós-coronavírus mais bem preparado para enfrentar desafios de tamanho impacto e complexidade. No entanto, opera como inesperado disparador de reação a partir de meios de direita que denunciam uma conspiração globalista.

Na linha da apreensão demonstrada por Kimball, o “Grande Reinício” é apresentado como parte de uma agenda transumanista, promovendo tecnologias digitais que, além de substituir humanos por máquinas, levariam a processos de controle da mente pela implantação de microchips (Newman, 2020).

Essa onda contribui para alimentar a ofensiva negacionista associando a Covid-19 e as políticas de isolamento social, uso de máscaras, testagem e vacinação em massa, a um catastrofismo construído artificialmente. Nos EUA, seria parte da estratégia de dominação do Estado Profundo contra a administração Trump.

Em consonância com essa perspectiva, a vitória de Joe Biden passa a ser deslegitimada como trama obscura sob escrutínio de forças superiores. O diálogo a seguir entre o ex-núncio do Vaticano nos EUA, Carlo Maria Viganò, e seu entrevistador, Steve Bannon, é esclarecedor.

Colocando sob suspeita os resultados da eleição, Viganò denuncia conspiração globalista protagonizada por aliança entre o Papa Francisco e Joe Biden, de quem repudia sua promessa de campanha “de nos condenar a usar a máscara”, assentindo com Bannon na exaltação da contenda como “batalha histórica entre os filhos da luz e os filhos das trevas”.

Steve Bannon: Você parece sugerir que a administração Trump pode ser instrumental para ajudar a trazer de volta a Igreja a um catolicismo pré-Francisco. Como a administração Trump pode fazer isso, e como os católicos americanos podem trabalhar para salvar o mundo desse “reinício” globalista?

Carlo Maria Viganò: A subserviência de Bergoglio à agenda mundialista é evidente, e sua contribuição para a eleição de Joe Biden é igualmente evidente. Assim como são evidentes a hostilidade e os repetidos ataques de Bergoglio ao presidente Trump, a quem considera o principal adversário, o obstáculo a ser removido, em vista da realização do Grande Reinício. Por um lado, portanto, temos a administração Trump e aqueles valores tradicionais que ela tem em comum com os católicos; de outro, o *Estado Profundo* do autoproclamado católico Biden, subserviente à ideologia globalista e sua agenda perversa, anti-humana, anticristo, infernal. (Calabrò, 2021).

A entrevista foi divulgada por Viganò em 3 de janeiro de 2021, três dias antes da invasão ao Capitólio por parte de partidários de Trump que buscavam impedir que o Congresso ratificasse o resultado da eleição presidencial. Na liderança desse incidente, coube destaque ao movimento QAnon.

Expressão destacada dos grupos de ultradireita que operam na internet, o termo QAnon combina a letra Q, que codifica suposta pessoa no interior do governo de EUA com acesso a fontes de inteligência, responsável pelo vazamento de informações sigilosas, e Anon, diminutivo de anônimo. O grupo adquire visibilidade no final de 2017, notabilizando-se por promover teoria conspiratória sobre a existência de rede global satanista que explora tráfico sexual infantil, acusando personagens destacados da política e do setor privado, como o ex-presidente Barack Obama, a ex-candidata do Partido Democrata Hilary Clinton, e o empresário George Soros. O principal alvo dessa suposta

trama seria o então presidente Donald Trump, enaltecido como líder proeminente de movimento patriótico em guerra santa contra o Estado Profundo.

Associada à conspiração maior, QAnon reverbera inúmeras denúncias contra figuras públicas, sejam políticas, empresariais, do meio artístico, culminando na atribuição de fraude nas eleições presidenciais de 2020, em aliança com o candidato derrotado no insuflar de ânimos que culminam na invasão ao Capitólio (Ruocco, 2021).

As incriminações contra alvos selecionados, que terminam sendo desmentidas pelos fatos ou por ações investigativas, são parte do universo das chamadas *Fake News*, que precedem de longa data a existência da internet. O que adquire destaque no QAnon é a adesão de setores relevantes capazes de tornar esse conteúdo conspirativo uma força de mobilização. Nos Estados Unidos, consegue inserção no Partido Republicano, que se expressa na eleição para o congresso de Marjorie Taylor Greene, da Geórgia, e Lauren Boebert, do Colorado. À escala internacional, disseminam-se grupos que se auto identificam com o movimento ou que replicam seus métodos operacionais.

Como será abordado no próximo capítulo, essa guerra de narrativas em espaços virtuais invadindo a centralidade da política, é sintoma e evidência de percurso profuso em escalas e dimensões.

1.2. MEU BEM/MEU MAL

“Dormia

A nossa pátria mãe **tão** distraída

Sem perceber que era subtraída

Em tenebrosas transações

Seus filhos

Erravam cegos pelo continente

Levavam pedras feito penitentes

Erguendo estranhas catedrais”.

Chico Buarque de Holanda, *Vai passar*

Diferentemente das subjetividades conspirativas que reivindicam lugares preferenciais em batalhas entre “luz” e “trevas”, o desassossego da direita com o chamado “Marxismo Cultural”, atribuindo às ideias de Antônio Gramsci poderoso mal de origem, tem fundamentos verossímeis.

A reivindicação de uma tradição gramsciana está presente no campo da esquerda, em que se resgata a noção de subalternidade, com implicações na estratégia de transformação social: “As classes subalternas, por definição, não são unificadas e não podem se unificar enquanto não puderem se tornar ‘Estado’: sua história, portanto, está entrelaçada à da sociedade civil” (Gramsci, 2002. p. 139).

Assim como no caso de Linda Kimball, não se trata aqui de uma discussão sobre possíveis usos ou abusos interpretativos da obra do marxista italiano, mas do retrato de visões dicotômicas sobre o bem e o mal que manifestam referencial teórico convergente.

Chantal Mouffe, autora que se situa no campo da esquerda pós-marxista, questiona o reducionismo de classe predominante na estratégia socialista que orientou as revoluções do século XX, retomando a perspectiva de Gramsci sobre classes subalternas. Seu foco direciona-se ao que denomina “crítica do essencialismo”, contrapondo a pluralidade de sujeitos à concepção do proletariado como agente unificado e pré-determinado pelas relações de produção capitalistas:

Existem muitos pontos de antagonismo entre o capitalismo e os vários setores da população, e isso significa que, quando essa luta for encarada como extensão dos princípios democráticos, haverá uma variedade de lutas anticapitalistas. (Mouffe, 2020).

Essa tese tem desdobramentos políticos concretos. A ideia de ruptura revolucionária, que implica como desdobramento da conquista do poder a exclusão das antigas classes dominantes e suas estruturas econômicas, políticas e militares de sustentação, é substituída pela noção de democracia radical, que busca combinar o respeito ao pluralismo político com a busca da igualdade nas demais dimensões da vida social.

O que está em questão não é o “definimento” do Estado e das instituições pelas quais o pluralismo está

organizado, mas uma transformação profunda dessas instituições para colocá-las a serviço de um processo de radicalização da democracia. O objetivo não é a tomada do poder do Estado, mas, como afirma Gramsci, “tornar-se Estado”. (Mouffe, op. cit).

Em perspectiva similar, mas no campo dos movimentos sociais, a experiência iniciada no Estado mexicano de Chiapas em dezembro de 1994 pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) reivindica uma cultura de esquerda em que as noções de sujeito e poder adquirem novos significados. No primeiro aspecto, a pluralidade é plasmada na perspectiva da “construção de um mundo onde caibam muitos mundos” (EZLN, 1996), mobilizando

mulheres, crianças, anciãos, jovens, indígenas, ecologistas, homossexuais, lésbicas, soropositivos, trabalhadores e todos aqueles e aquelas que não apenas “sobram”, senão que também “atrapalham” a ordem e o progresso mundial, se rebelam, se organizam e lutam. (EZLN, 1997).

Na dimensão de poder, reivindica-se uma disputa cidadã. Assim o ilustra o subcomandante Marcos, na época porta-voz do EZLN, em entrevista a Yvon Le Bot:

Nós colocávamos como exemplo que não há cidadão que se queixe da polícia e que proponha como solução tornar-se policial. Se a polícia não serve, o cidadão não aspira a ser policial, senão que ponham uma polícia que sirva. É um pouco a colocação do EZLN. Nós criticamos o poder, mas nossa proposta não é substituí-lo, senão que haja um poder que sirva

à sociedade, assim como o bombeiro e o funcionário público. (Le Bot, 1997, p. 302).

O movimento Zapatista é um dos exemplos tomados por John Holloway no desenvolvimento da sua tese de “mudar o mundo sem tomar o poder”, quebrando o “vínculo entre revolução e controle do Estado”:

A ilusão estatal é apenas parte de uma ilusão maior, que se pode chamar de ilusão de poder. Essa ilusão refere-se à ideia de que para mudar a sociedade temos que conquistar posições de poder, ou pelo menos temos que ser poderosos de alguma maneira. A mim me parece que o projeto zapatista é muito diferente. Não é um projeto de nós nos fazermos poderosos, senão de dissolver as relações de poder. (Holloway, 2001, p. 174).

A “pluralidade de sujeitos” destacada por Mouffe, que também perpassa a visão expressa pelo Zapatismo e Holloway, colocam em questão a concepção etapista da transformação social, centrada na ideia de revolução como momento único de ruptura entre dois mundos radicalmente diferentes, simbolizado pela conquista do poder estatal.

Em contraposição, valoriza-se um processo contínuo e sem limites pré-fixados de aprofundamento da democracia, inclusivo e respeitoso da diversidade e do pluralismo. Não há delimitação de atores, organizações e projetos de sociedade alternativa, mas a garantia de condições institucionais que favoreçam o fluxo reivindicatório e o livre acesso à informação e ao conhecimento por parte dos movimentos da sociedade.

Dessa forma, a disputa pela hegemonia entre diversas organizações da sociedade civil, críticas ou favoráveis à ordem vigente, se dá no interior do sistema político, que não é imutável. A qualidade da democracia reflete a correlação de forças entre os vários mundos que reivindicam seus espaços, sem horizontes de caráter antagônico. Nas palavras de Mouffe: “O importante é que o conflito, quando surgir, não tome a forma de um ‘antagonismo’ (uma luta entre inimigos), mas de um ‘agonismo’ (uma luta entre adversários)” (op. cit., 2020).

Essa perspectiva não é contraditória com concepções liberais pautadas pelo reconhecimento de iguais, sem exclusões nem pré-condições, como “direito a ter direitos”. Nas palavras de Hannah Arendt:

A igualdade, em contraste com tudo o que se relaciona com a mera existência, não nos é dada, mas resulta da organização humana, porquanto é orientada pelo princípio da justiça. Não nascemos iguais, tornamo-nos iguais como membros de um grupo por força da nossa decisão de nos garantirmos direitos reciprocamente iguais. (Arendt, 1998, p. 335).

Nessa visão, a atuação de partidos e movimentos estaria pautada pela ampliação de espaços de cidadania, sem limites definidos a priori em termos de formulação de reivindicações. A luta por um mundo em que caibam vários mundos, pelo direito a ter direitos, aponta para a constituição de um sistema político capaz de reconhecer o pluralismo, garantir as liberdades fundamentais de organização e expressão, e de estabelecer mecanismos formais de regulação da competição entre as partes.

Em perspectiva histórica, abordagens liberais identificam antecedentes dessa linhagem à trajetória do capitalismo ocidental. A imposição de limites ao poder da monarquia inglesa por parte da nobreza na Carta Magna de 1215, inaugura um processo de demarcação de espaços políticos e de direitos garantidos por escrito, começando com a propriedade e a igualdade perante a lei da aristocracia da época. No campo econômico, a Revolução Industrial demarca mudança estrutural na relação entre criatividade humana e geração de riqueza. Maquinaria e grande indústria passam a comandar um processo de desenvolvimento de alcances ilimitados.

Tomando como exemplo a Inglaterra do século XIX, David Landes enaltece o que considera “a sociedade teoricamente mais bem preparada para alcançar o progresso material e o enriquecimento geral” (Landes, 1998, p. 241). Nessas características, inclui as capacidades de inovação, produção e adaptação para lidar com o desenvolvimento tecnológico; a transmissão de conhecimentos pela educação; escolhas na alocação dos recursos humanos que valorizam a competição, o mérito e a iniciativa, proporcionando oportunidades de sucesso compatíveis com a capacidade empreendedora demonstrada; garantias aos direitos de propriedade privada, à liberdade pessoal contra qualquer forma de arbítrio, à obediência dos contratos e a um governo estável, “mais de leis do que de homens” (Landes, op. cit., p. 242).

Mesmo reconhecendo que não existem exemplos de sociedades em que estejam presentes todas as características apontadas, “esse paradigma, não obstante, dá destaque à

direção da história (...) e não se trata de uma coincidência que a primeira nação industrial tenha sido a que mais cedo se aproximou dessa nova espécie de ordem social” (op. cit., p. 243). Nessa interpretação, a combinação entre economia de mercado e democracia representativa, com regras de jogo explícitas de competição política e econômica, que expressam a legalidade construída pela sociedade organizada por meio da sua representação institucional, é condição estrutural de estímulo à inovação e empreendimento que seriam inerentes ao capitalismo.

A partir do século XIX, o impulso colonizador europeu tenderá cada vez mais a associar a divisão internacional do trabalho com a racionalidade capitalista, beneficiando-se das vantagens adquiridas na aplicação da inovação tecnológica à produção para o consumo civil e militar. Inicialmente com a Inglaterra na vanguarda, cedendo passo posteriormente para os EUA, a evolução do desenvolvimento mundial será associada a uma disputa permanente entre o Capitalismo Liberal e diversas variantes de estatismos (fascismos, militarismos, populismos, comunismos).

A disputa se define na segunda metade do século XX, a partir da consolidação de três tendências: 1) com a derrota do nazifascismo, as potências capitalistas assumem a democracia representativa como forma de governo; 2) com o fim da Guerra Fria, encerra-se a etapa de conflitos sistêmicos com Estados não capitalistas; 3) a globalização da economia acentua a expansão do mercado em detrimento do Estado, inclusive nos países governados por partidos comunistas.

Como vimos, essa euforia com a convergência da humanidade na direção do “capitalismo democrático liberal” revelou-se precoce frente ao mal-estar resultante de sucessivas crises e conflitos globais afetando a economia, a saúde, a segurança física, alimentar e ambiental. Emergem respostas desde diversas visões político-ideológicas, porém reveladoras de expectativas comuns de fim de ciclo, embora apontando para saídas divergentes: 1) retorno a um paraíso perdido em algum lugar do passado, 2) grande reinício do sistema, 3) aceleração pós-capitalista.

No olhar do mundo do horizonte da terceira dimensão, pode-se também recorrer à trajetória histórica da Inglaterra, com tradições contrastantes da narrativa liberal. No contexto da revolução de 1649 que depôs e decapitou o rei Carlos I, ganham expressão duas correntes de origem popular, protestantes calvinistas, cujas reivindicações são precursoras de vertentes anarquistas e socialistas do século XIX: *levellers* (niveladores) e *diggers* (escavadores).

Os primeiros, mais moderados, constitucionalistas, defendiam a igualdade jurídica e religiosa. Ao igualitarismo político e de liberdade de culto, os segundos, também autodenominados “verdadeiros niveladores”, acrescentavam o da propriedade, propondo a redistribuição de terras em benefício dos pobres.

Essas duas linhagens expressam nuances de uma perspectiva “niveladora”, que visualizamos tanto nos movimentos e teorizações pautados na radicalização da democracia, como em abordagens pós-capitalistas.

Assumindo a tradição marxista de que sob o avanço inevitável do capitalismo, “tudo o que era sólido se desmancha

no ar”, Nick Srnicek e Alex Williams apresentam em 2013 o Manifesto Aceleracionista (MA). Vislumbrando a crise da globalização neoliberal como detonadora de contradições com potencial transformador estrutural, propõem o aprofundamento dessa trajetória, na perspectiva de

liberar forças produtivas latentes. Neste projeto, a base material do neoliberalismo não precisa ser destruída. Precisa ser reformulada para atingir objetivos comuns. A infraestrutura capitalista existente não é um palco a ser demolido, mas uma plataforma de lançamento para o pós-capitalismo. (2017a, p. 41).

Em livro posterior, Srnicek e Williams avançam na caracterização das transformações sistêmicas, conclamando a esquerda a “mobilizar-se em torno a um consenso pós-trabalho”. Assume-se a premissa de que o estágio atingido pelo desenvolvimento tecnológico criou as bases materiais para o fim do trabalho sem comprometer a geração de riqueza. Nesse sentido, propõem uma agenda de transição pautada pela redução da semana laboral sem impacto no salário, e implementação de uma Renda Básica Universal (RBU), em que consideram as barreiras à sua viabilidade mais políticas do que econômicas. A RBU poderia ser facilmente financiada pela

redução de programas duplicados, aumento de impostos aos ricos, impostos sobre as heranças, impostos ao consumo, impostos às emissões de carbono, recortes aos gastos militares, recortes aos subsídios para a indústria e a agricultura e medidas estritas contra a evasão fiscal. (Srnicek; Williams, 2017b).

Propostas de RBU não são patrimônio da esquerda, o debate sobre a necessidade e viabilidade da sua implementação envolve também perspectivas liberais que partilham dos temores externados no “Grande Reinício”. Nesse campo situa-se Charles Murray, do American Enterprise Institute, expressão do espectro conservador estadunidense próximo ao Partido Republicano, que defende a RBU como “nossa única esperança de lidar com um futuro mercado de trabalho diferente de qualquer outro na história da humanidade e que representa nossa melhor esperança de revitalizar a sociedade civil americana” (Murray, 2016). Reforçando a trajetória anterior dessa ideia no campo do pensamento de liberais como Milton Friedman, propõe um depósito anual vitalício de 13.000 dólares para todo adulto a partir dos 21 anos, dos quais devem ser alocados 3.000 para plano de saúde. O financiamento seria composto pelos recursos atualmente direcionados a seguridade social, saúde, moradia e demais programas do Estado de Bem-estar Social, afirmando que “sob meu plano da RBU, todo o aparato burocrático dos assistentes sociais do governo desapareceria” (op. cit., 2016).

Manifestando preocupação com a ameaça sistêmica presente em movimentos e lideranças políticas antiliberais expressivos de dificuldades estruturais para dar respostas sociais inclusivas, Yuval Noah Harari defende a RBU pela possibilidade de “proteger os pobres da perda de emprego e da exclusão econômica, enquanto protege os ricos da ira populista” (2018). Harari situa a RBU como parte da resposta aos dilemas enfrentados pelo futuro do capitalismo:

se apesar de todos os nossos esforços um percentual significativo do gênero humano for excluído do mercado de trabalho, teremos que explorar novos modelos de sociedades pós-trabalho, de economias pós-trabalho e de política pós-trabalho. (2018).

Nessa mesma perspectiva, o empresário Peter Diammandis, um dos fundadores da escola de negócios Singularity University, sediada no estado da Califórnia, coloca no balanço do avanço tecnológico, para além das mudanças no emprego, as possibilidades de superação de limitações materiais ao desenvolvimento humano, reduzindo custos e ampliando serviços, o que tornaria viável a instituição de uma RBU:

Isso irá separar ganhar dinheiro para sobreviver de trabalhar. Você terá um trabalho que é aquilo de que gosta de fazer e receberá o dinheiro para pagar sua comida, transporte e saúde (...) A tecnologia irá prover melhor saúde e educação, reduzir o custo de energia, de água. (Diammandis, 2017).

Desde uma posição à esquerda, Paul Mason vislumbra na RBU um significado mais radical, trazendo elementos de um processo de transição pós-capitalista que já estaria em andamento, ao

a) formalizar a separação entre trabalho e salários, e b) subvencionar a transição para uma semana, uma jornada ou uma vida laboral mais curta. O que se buscaria com ambos os objetivos, em definitivo, seria socializar os custos da automatização...uma renda básica sufragada com impostos arrecadados da economia de mercado daria às pessoas a oportunidade de se fazer de

um lugar na economia não mercantil e afiançar suas posições nela. (Mason, 2016).

As abordagens liberais e de esquerda apresentadas revelam uma intersecção importante nas visões de Harari, Diammandis, Mason, Srnicek e Williams: o vislumbre de uma sociedade pós-trabalho. No entanto, há uma bifurcação estratégica separando a defesa do capitalismo e sua superação.

Na leitura liberal, a RBU é uma política de auxílio contra o desemprego estrutural e a exclusão econômica, para a esquerda é parte de programa antissistema. Nessa direção, Srnicek e Williams buscam resgatar a dimensão estratégica universalista, relativizando as possibilidades de mudança centradas em formas de luta atomizadas privilegiadas nas décadas recentes pelos movimentos sociais. Sem questionar sua importância como mobilizadores da sociedade, obtendo significativas conquistas, a esquerda

deve enfrentar, inevitavelmente, o problema do universalismo, ou seja, a ideia de que certos valores, ideias e metas podem se sustentar em todas as culturas ... Qualquer coisa que não seja um universal e que compete com isto acabará asfixiada por uma série “omniabarcadora” de relações capitalistas. (Srnicek; Williams, 2017b).

Coincidindo com essa postura, o coletivo Xenofeminista (XF) Laboria Cuboniks (2017) considera

insuficiente toda política que valore exclusivamente o local como forma de subverter as correntes de abstração global (2017, p. 122) (...) A viabilidade dos pro-

jetos abolicionistas emancipatórios – a abolição de classe, gênero e raça – depende de uma profunda reelaboração do universal. (op. cit., p. 126).

Laboria Cuboniks defende objetivos libertários cujos pressupostos, por motivos opostos, correspondem aos males denunciados pela direita sob o rótulo de “marxismo cultural” e “transumanismo”:

A liberdade não é algo dado e, acima de tudo, não nos é dado por nada “natural” (...) O XF é veementemente antinaturalista (...) A inovação tecnocientífica deve estar ligada a um pensamento teórico e político coletivo em que as mulheres, @s queers e @s dissidentes de gênero têm um papel incomparável (2017, p. 118-119) (...) Nosso destino está ligado à tecnociência, na qual nada é tão sagrado que não possa ser redesenhado e transformado para ampliar nossa abertura à liberdade, estendendo-a ao gênero e ao humano. (op. cit., p. 127).

Tanto na perspectiva de Srnicek e Williams como do XF, a apropriação da aceleração capitalista como horizonte de transição sistêmica não nos parece contraditória com as concepções políticas pautadas no agonismo e o “direito a ter direitos” abordadas anteriormente. A disputa, independentemente da abrangência universalista e radicalidade transformadora esboçada nos projetos emancipatórios, se dá no interior do sistema, como processo, sem ruptura revolucionária. Nessa perspectiva, a estratégia passaria por uma disputa hegemônica na governabilidade do capitalismo, em que as bases de sua sustentação vão sendo mina-

das, concomitantemente à instituição do novo. Conforme sintetiza Alejandro Galiano:

Não temos a força para vencê-lo, e sair dele é impossível. Devemos governá-lo: aproveitá-lo onde seja necessário, combatê-lo onde seja nocivo e regulá-lo onde seja insuficiente. E, sobretudo, parasitá-lo ali onde possamos: lutar pelo ócio civilizatório e pelo controle social das rendas naturais, digitais e financeiras, tanto para captá-las e redistribuí-las, como para limitá-las. (Galiano, 2020).

Retomando a análise proposta inicialmente, são plausíveis os medos esboçados pela reação de direita frente ao globalismo rotulado como “marxismo cultural”, que transitou da estratégia de assalto ao poder para a penetração das instituições da democracia liberal e a introdução de narrativas em divergência com a unicidade civilizacional associada a uma tradição ocidental e cristã. O Mal associado à materialização desses pesadelos “opressivos” é diretamente proporcional ao Bem da realização de sonhos libertários.

Como será abordado no próximo capítulo, mesmo na diversidade de referências, postulam-se mediações cujo universalismo reporta à onnipresença de esferas imateriais.

2. ESFERAS IMATERIAIS

2.1. NOOSFERA

“Estamos num mundo tão singular, que viver é só sonhar; e a experiência me ensina que o homem que vive, sonha o que é, até acordar”.

Pedro Calderon de la Barca (2011)

Em meados dos anos 1990, paralelamente à projeção do globalismo neoliberal e da hegemonia estadunidense, que tem na administração de Bill Clinton seu momento de auge, começam a adquirir maior visibilidade reações que, sob diversas agendas e métodos de atuação, colocam em questão o aumento da concentração da riqueza e consequente aprofundamento da polarização entre ganhadores e perdedores, assim como a uniformização do mundo à imagem e semelhança do modo de vida “Ocidental e cristão”.

As crescentes manifestações antiglobalização, a emergência de movimentos sociais como o Zapatismo, e a maior visibilidade do terrorismo com a escalada protagonista da Al Qaeda, acendem o estado de alerta no *establishment* de segurança estadunidense sobre os desafios associados a uma realidade global em que atores privados, movidos por inúmeras agendas, interagem por meio de redes, sem controle centralizado.

Uma instituição de destaque nessa linha de abordagem é a RAND. Fundada em 1948 com o objetivo de integrar a pesquisa com o planejamento militar, na época vinculada à Força Aérea, torna-se posteriormente um *think tank* privado.

Na década de 1990, John Arquilla e David Ronfeldt iniciaram no interior da RAND estudos sobre as Guerras em Rede (Netwars), em que ressaltam o terrorismo, o crime organizado e os movimentos sociais. Em termos de desafio analítico daquele momento, destaca-se o levantamento Zapatista, associado à terceira modalidade. A inusitada projeção internacional de um movimento de raízes indígenas, localizado em região marginal do México, é atribuída à ação global de Organizações Não Governamentais (ONG's), demonstrando capacidade “para impressionar a mídia e usar fax, e-mail, e outros sistemas de telecomunicações para espalharem-se pelo mundo” (Ronfeldt et al., 1998, p. 26).

Na mesma perspectiva de análises apresentadas no capítulo anterior, os pesquisadores da RAND apontam para a desvinculação da luta dos zapatistas da ação política tradicional, que coloca como alvo central a conquista do poder. Apesar da natureza esquerdista atribuída ao movimento, reconhece-se que a mensagem contra o sistema tem na sociedade civil seu interlocutor privilegiado, buscando ampliar a conscientização e a mobilização em favor da mudança social no seu país, atraindo a atenção global para uma cruzada de alcance universal que unifique o conjunto de excluídos e descontentes.

Para os pesquisadores da RAND, as *netwars* colocam em ação redes descentralizadas que muitas vezes bloqueiam a capacidade de resposta das instituições responsáveis pela manutenção da ordem, baseadas numa estrutura hierárquica. Seu enfrentamento requer uma organização equivalente, chamando a atenção para a necessidade de redimensionamento do Estado, incorporando capacidades de interlocução com os atores privados emergentes. “Isso leva a lutas de redes contra redes – realmente, a hierarquia governamental pode ter que organizar suas próprias redes para prevalecer contra redes adversárias” (Ronfeldt et. al, p. 79-80).

Na sequência desses estudos, Arquilla e Ronfeldt passam a observar a disseminação das *netwars* que acompanham o avanço do mundo da internet, detendo-se nos desenvolvimentos em torno da ciberesfera e da infosfera, espaços imateriais de interação global em que se projeta a emergência de uma dimensão abarcadora da totalidade, a “noosfera”, “um ‘reino da mente’ que gira em torno do globo” (2020, p. 17).

Dos três, o ciberespaço é o menor: a infosfera é muito maior, pois inclui sistemas não digitais e digitais, estoques e fluxos de informação; e a noosfera engolfa os dois, em parte porque é geralmente considerada menos um domínio tecnológico e mais ideativo, cultural e cognitivo do que os outros dois. (op. cit., p. 19).

A pesquisa dos autores retoma os estudos conduzidos nas primeiras décadas do século XX por Pierre Teilhard de Chardin, Vladimir Ivanovitch Vernadsky e Edouard Le Roy, que vislumbraram na trajetória da Terra a forma-

ção de três esferas: a geosfera, camada sólida, inanimada; a biosfera, que acompanha a proliferação dos seres vivos, em que a ação transformadora decorrente da interação entre pensamento humano e a natureza se consubstancia na criação de uma esfera da mente, a noosfera.

Arquilla e Ronfeldt consideram que na atualidade vivencia-se “uma era de transição que está longe de ser suave ou pacífica”, com “uma guerra (...) em andamento pelo controle da noosfera” (2020, p. 40). Para enfrentá-la, os EUA terão que levar em conta a insuficiência dos instrumentos e estratégias pautadas na Realpolitik frente a uma multiplicidade de atores que operam em território articulado à mente, a “noopolítica”. “Enquanto a realpolitik é tipicamente sobre as vitórias militares ou econômicas, a noopolítica é, em última análise, sobre qual história é vitoriosa”, qual narrativa projetar contra “miríades de guerras cognitivas – guerras ideológicas, políticas, religiosas e culturais – (...) com o objetivo de moldar a mente das pessoas e afirmar o controle sobre esta ou aquela parte da noosfera emergente” (2020, p. 40).

Entre os exemplos de guerra pelo controle da noosfera, os autores colocam em primeiro plano a atuação da Rússia a partir da ascensão de Vladimir Putin. Não se trata apenas de operações cibernéticas como as que teriam interferido na campanha presidencial de Hilary Clinton, supostamente visando favorecer a candidatura de Donald Trump, haveria uma sofisticada estratégia noopolítica de mobilização de aliados e manipulação de setores de direita, “energizando questões como nacionalismo, tradicionalismo, racismo e sexismo, para não mencionar todos os tipos de teorias da

conspiração, para tornar as sociedades ocidentais mais turbulentas do que nunca” (2020, p. 60). Paralelamente, alertam para uma zona nebulosa povoada por redes como a Al Qaeda, o Estado Islâmico, QAnon e WikiLeaks.

Nesse conjunto de atores governamentais e não estatais, Arquilla e Ronfeldt identificam uma dimensão obscura da noopolítica, pautada por

narrativas estratégicas construídas em torno de “promessas plausíveis”, “valores sagrados” e “teorias de conspiração viral” que servem não apenas para atrair recrutas, animar o moral e estimular a construção de redes dentro e entre seus próprios semelhantes, mas também para confrontar, desorientar, dividir e desestabilizar seus alvos. (2020, p. 62).

Em direção contrária, propõem que os EUA adotem uma noopolítica voltada para bens públicos globais que atribuem a valores constitutivos da nação e da sua inserção no mundo:

Os Estados Unidos há muito representam ideais acalentados – liberdade, igualdade, oportunidade. Também representam formas éticas de fazer as coisas: competir de forma aberta e justa, trabalhar em conjunto com parceiros, buscar o bem comum, respeitar os direitos dos outros. (2020, p. 85).

A análise de Arquilla e Ronfeldt tem como objetivo principal preparar os EUA para enfrentar desafios que extrapolam as capacidades tradicionais de defesa e segurança, alertando também para a ação de outros atores, estatais ou não, que já ingressaram na era da noopolítica.

Concomitantemente às razões de Estado e da política, a apropriação da noção de noosfera como cenário de interação humana tem ramificações que focam na sociedade, na ciência e na espiritualidade. Assim como para os pesquisadores da RAND, a referência de origem reporta a Pierre Teilhard de Chardin e Vladimir Vernadsky.

O primeiro, cientista e padre jesuíta, deixou explícita sua religiosidade, na convicção de que “sobre a superfície inteira da Noosfera, o Cristianismo representa a única corrente de Pensamento suficientemente audaciosa e progressiva para abarcar praticamente e eficazmente o Mundo” (Chardin, 1970, p. 329). Mesmo com sua declaração de fé, teve a obra censurada pela Igreja Católica até 1981.

O segundo, membro da Academia de Ciências da União Soviética, ateu, centrou-se no intelecto: “as manifestações geológicas do pensamento científico exercem ... uma pressão sobre o ambiente inerte e restritivo ... da biosfera. Assim, a noosfera, o reino da razão, é criado” (Vernadsky, 2017, p. 166). Após sua morte, tornou-se referência pública na Rússia.

Em discurso no encontro ministerial da APEC (Asia-Pacific Economic Cooperation) de 2000, realizado em Brunei, Vladimir Putin exalta seu legado:

O Sr. Vernadsky, nosso compatriota, no início do século 20, desenvolveu uma teoria para a noosfera – o meio ambiente que unifica a humanidade. Combina interesses de povos e países, natureza e sociedade, conhecimento científico e política de Estado. O princípio do desenvolvimento sustentável foi na realidade construído com base nessa teoria. (Gordina; Limonad, 2008, p. 2).

As dimensões apontadas por Putin adquirem concretude na República de Altai, parte russa da região dos Montes Altai, área geográfica plurinacional envolvendo Cazaquistão, China e Mongólia, fonte de inspiração de iniciativas e teorizações.

Em 2014, a revista *Himalayan and Central Asian Studies* dedica um número especial à região. Num dos artigos, Altai emerge como “caldeirão cultural antropológico eurasiático”, epicentro de conformação do gênero humano “de uma nova era espiritual e ambiental (noosfera)” (Ivanov et. al., 2014, p. 55).

Em conferência internacional sobre Culturas Modernas realizada em Moscou em março de 2019, Irina Zhernosenko, do *Altai State Institute of Culture*, apresenta a região como marco de experiências voltadas à implementação de um “conceito noosférico de desenvolvimento civilizatório”, em que o progresso científico e tecnológico é “um meio de alcançar relações harmoniosas entre o homem e a natureza, quando a principal força e energia de uma pessoa não se despende na sobrevivência, mas na divulgação de seu potencial criativo e espiritual” (2019, p. 831).

A autora ressalta um conjunto de iniciativas envolvendo sociedade e governo local: conceituação e debate em fóruns científicos do modelo noosférico e da posição de Altai em termos civilizacionais, integrando âmbitos eurasiáticos e planetários; desenvolvimento de reservas naturais e áreas protegidas; de energias renováveis, complexos produtivos agrícolas, indústrias baseadas em tecnologias de origem indígena, especialmente biofarmacêuticas; redes de sanatórios-spa, turismo, e investimento estratégico na educação.

Nesse último aspecto, o objetivo é gerar uma “consciência noosférica”, com ponto de partida nas comunidades do parque étnico-natural de Karakol “Uch Enmek”.

Desde 2006, um experimento pedagógico é conduzido em cinco escolas (...) projetado para se tornar a base para... uma visão de mundo holística e noosférica para a geração mais jovem: professando a primazia do espiritual sobre o material e o princípio de coevolução do natural e social, (...) modelo formado ao longo de mil anos pela experiência dos povos indígenas da Eurásia. (2019, p. 831-32).

Na participação no *World Forum of Spiritual Culture*, realizado em outubro de 2010 em Astana, Cazaquistão, Roger Nelson, fundador e coordenador do Projeto de Consciência Global (GCP na sigla em inglês), situa as dimensões mais amplas da visão que orienta seus estudos: “Saber que existe uma noosfera, mesmo que sutil e ainda em desenvolvimento, pode nos motivar a ser mais conscientes das interconexões que isso implica” (2010, p. 13).

O GCP começou suas atividades em 1998, na Universidade de Princeton, nos EUA, e atualmente está vinculado ao Instituto de Ciências Noéticas (IONS). A premissa do projeto é que eventos provocadores de grande atenção coletiva colocam em operação uma consciência global passível de ser mensurada.

A partir de equipamentos espalhados em 70 locais ao redor do mundo, colhem-se dados que são arquivados no servidor do laboratório central, permitindo contrastar níveis de flutuação decorrentes de coleta aleatória em eventos de impacto significativo.

A análise científica de um enorme banco de dados que deveria ser aleatório mostra sinais de estrutura ligada à nossa consciência e emoções compartilhadas. A implicação é que nos tornamos integrados no que podemos considerar como uma consciência global – embora não saibamos disso diretamente. (Nelson, 2010, p. 4).

O funeral da princesa Diana em 6 de setembro de 1997, os atentados em Nova York e Washington em 11 de setembro de 2001, o anúncio oficial da Organização Mundial da Saúde de que o Coronavírus atingiu o grau de pandemia em 11 de março de 2020, a invasão do Capitólio em Washington em 6 de janeiro de 2021, são eventos expressivos de uma “consciência global”, aferida pelo GCP a partir da sincronização com flutuações significativas registradas no seu banco de dados.

No “Manifesto pela Noosfera”, José Argüelles, também participante do evento em Altana, inclui entre suas referências a pesquisa desenvolvida no GCP. Os fenômenos associados a uma consciência global seriam para ele uma evidência de que o processo de transição noosférica está em fase adiantada, estabelecendo como momento de ativação consciente o 21 de dezembro de 2012.

Essa precisão está pautada nos seus estudos sobre a concepção de tempo na civilização Maia, convergindo com analistas e movimentos espiritualistas que identificam sincronicidade com calendário apontando essa data como fim de um ciclo de 5.125 anos. Embora convicto da inevitabilidade da realização de profecia prescrita centenas de anos atrás, Argüelles não prescinde da força energética que a adesão

multitudinária é capaz de mobilizar, gerando um evento de consciência global.

Reforçando sua percepção de acontecimento transicional em fase avançada, Argüelles contextualiza marcos paralelos de crise civilizacional resultantes da aceleração do ciclo de globalização industrial iniciado no final do século XVIII. A propagação da máquina, da vida mecanizada, e da tecnosfera, teriam atingido seu ponto culminante com a geração de “uma esfera completamente nova: a ciberesfera, a noosfera artificial ou virtual (em que) a separação entre a humanidade e a ordem natural atingiu seu limite extremo” (Argüelles, 2012).

O manifesto de Argüelles, publicado após seu falecimento em 2011, é expressivo de uma trajetória de vida combinando pesquisa, docência e espiritualidade. Após fase acadêmica como professor universitário nos EUA, dedicou-se a motivar convergências planetárias pela estruturação de grupos de estudos, de meditação, de eventos. Em 2001, participou de encontro na República de Altai, em que propôs ao parlamento local a declaração da região como primeira reserva Noosférica do mundo, iniciativa levada adiante em fóruns posteriores realizados na Rússia e Cazaquistão (op. Cit., 2012). Suas teorizações trazem na bagagem precursores conceituais da noosfera, a cosmologia mesoamericana e a psicologia junguiana.

Assim como a biosfera é o campo unificado da vida e de seus sistemas de suporte – a região para a transformação da energia cósmica na Terra, para usar a frase de Vernadsky – a noosfera é o campo unificado da mente. O reflexo psíquico da biosfera (...) Como no

“tempo de sonho” de nossos ancestrais aborígenes, a noosfera é o inconsciente coletivo impelido ao despertar consciente pelo cadinho da história. (Argüelles, 2012).

Em sintonia similar, Pedro Barbosa estabelece um marco abrangente da noosfera, no qual convergem saberes científicos e esotéricos. Partindo dos seus estudos sobre hipertextualidade, aponta para as simultaneidades entre tempo e espaço estabelecidas na pesquisa pela internet, em que o conhecimento armazenado em nuvem é acessível automaticamente através de links que abrem portais localizados em qualquer lugar do mundo. Basta selecionar textos, extrair, recortar e combinar, com possibilidade de tradução eletrônica imediata que torna tudo inteligível na língua desejada.

Para Barbosa, a internet realiza “aquilo com que sonhava Teilhard de Chardin (...) só que hoje não é já uma noosfera puramente mental, mas antes uma esfera eletrônica onde se materializa a informação” (Barbosa; Torres, 2017, p. 145). Mas tudo isso é parte de algo maior, como indicam visões que remetem a sagradas escrituras que guardam passado, presente e futuro da existência do cosmo. Situam-se aqui linhagens que vão do “pensamento hermético, hindu, egípcio, hebraico, (...) até ao neoesoterismo, com o chamado arquivo akáshico”, registro etéreo de “todo o conhecimento do universo... uma espécie de internet cósmica” (op. cit., p. 145).

Internet, nuvem eletrônica circundando a terra, acessível através de links acionados fisicamente, limiar entre

o material e o imaterial. Akasha, palavra em sânscrito, frequentemente traduzida como Céu, território incorpóreo da espiritualidade, inconsciente coletivo.

Na perspectiva de tornar tangível a noosfera, situando seu significado como convergência planetária ou cósmica em processo, as abordagens da RAND, Altai, GCP, Argüelles e Barbosa introduzem elementos explicativos que combinam razões de Estado, ações comunitárias, medição laboratorial e misticidade. Circunscreve-se como cenário uma esfera imaterial transcendente no tempo e espaço, povoada de hereditariedades ancestrais que transmutam em inconsciente coletivo.

O aleatório, o acaso, encontram adequação de sentido, sincronicidade. Ou em palavras de Carl Jung, “uma imagem inconsciente alcança a consciência de maneira direta (literalmente) ou indireta (simbolizada ou sugerida) sob a forma de sonho, associação ou premonição, (e) uma situação objetiva coincide com este conteúdo” (Jung, 2012).

O que existia em paralelo se encontra. O inconsciente se torna consciente, o subjetivo se objetiva, o imaterial se materializa.

Marx divergiria? No século XIX, tendo como horizonte o fim do capitalismo, estabeleceu correspondência entre o real e o intelectual: “a força material tem de ser deposta por força material, mas a teoria também se converte em força material desde que penetra as massas” (Marx, 2021).

2.2. INTELECTO GERAL

“Dos diversos instrumentos do homem, o mais assombroso, sem dúvida, é o livro. Os demais são extensões do seu corpo. O microscópio, o telescópio, são extensões de sua vista; o telefone é extensão da voz; depois temos o arado e a espada, extensões de seu braço. Mas o livro é outra coisa: o livro é uma extensão da memória e da imaginação”. Jorge Luis Borges (2011)

A Revolução Industrial estabeleceu novos parâmetros na concepção de riqueza das nações. Possuir recursos naturais abundantes perde centralidade para a capacidade e autonomia na invenção de máquinas que transformem matéria prima e força de trabalho em mercadorias. Sem limites de clima, solo, água, extensão territorial, apenas capital e engenhosidade humana.

Como analisado no primeiro capítulo, na visão liberal de desenvolvimento, há pré-requisitos que a história da Inglaterra teria sacramentado. Funcionamento do mercado, com vigência da livre concorrência, sem intervencionismos que alterem o equilíbrio da economia, respeito à propriedade privada, liberando as forças da criatividade e

do empreendimento. Esse modelo tornou-se hegemônico e, passados mais de dois séculos, enfrenta amplo leque de questionamentos.

Mesmo a partir de preocupações e interesses situados em campos divergentes do espectro político-ideológico, opera-se paradoxal convergência de expectativas finalistas. Uma direita etnonacionalista que identifica ameaça vinculada a projeto globalista pautado em concepção antissistema rotulada como “marxismo cultural”; uma direita neoliberal que reconhece a necessidade de ajustes propondo um “grande reinício”; correntes de esquerda que debatem a aceleração capitalista como detonador de contradições tecnológicas, cognitivas e socioeconômicas com potencial de tornar o capitalismo ingovernável.

No âmbito da esquerda, analistas situam o texto de Marx “Fragmento sobre as Máquinas” como fonte de referência do fenômeno da imaterialidade que estaria no cerne das atuais mudanças estruturais no sistema. Escrito em 1858, publicado postumamente como parte dos manuscritos conhecidos como *Grundrisse*, introduz na centralidade do processo produtivo o “general intellect” (intelecto geral):

A natureza não constrói máquinas nem locomotivas, ferrovias, telégrafos elétricos, máquinas de fiar automáticas etc. (...). Elas são órgãos do cérebro humano criados pela mão humana; força do saber objetivada. O desenvolvimento do capital fixo indica até que ponto o saber social geral, conhecimento, deveio força produtiva imediata e, em consequência, até que ponto as próprias condições do processo vital da socieda-

de ficaram sob o controle do *general intellect* e foram reorganizadas em conformidade com ele. (Marx, 2011, p. 944).

Na interpretação de Paul Mason, Marx “imaginou que a informação se armazenava e compartilhava num ‘intelecto coletivo’, que vinha a ser a mente de todas as pessoas da Terra conectadas através do conhecimento social” (2016). Em perspectiva da evolução para o presente, Paolo Virno associa o intelecto geral a uma intelectualidade de massa, em que “as atitudes mais genéricas da mente cobram importância como recursos produtivos, ou seja, as faculdades linguísticas, a disposição para a aprendizagem, a memória, a capacidade para abstrair e relacionar, e a inclinação para a autoreflexividade” (2020, p. 77).

A predominância do saber e da informação como forças produtivas, paralelamente à interconexão em redes, seriam expressão, para Andrea Fumagalli, de que o capitalismo ingressou numa fase “biocognitiva”, em que “os mercados financeiros, o conhecimento e as relações são o motor da acumulação” (2020, p. 54). Se bem o salário permanece como forma primordial de extração de excedente, o principal objeto de apropriação é o trabalhador cognitário. Nessa categoria, Franco Berardi situa aqueles que “processam a informação com a finalidade de dar à luz bens e serviços” (Berardi, 2020a, p. 88), num capitalismo semiótico regido “por automatismos tecnolinguísticos inscritos na máquina global interconectada” (Berardi, 2020b, p. 13).

Sob esse prisma, a luta emancipatória deve travar-se primordialmente no terreno cognitivo: “A ação política tem que ser substituída por uma reorganização neurológica do

general intellect com a ativação de uma plataforma técnica para a auto-organização dos cognitários e a reorientação da semioprodução em função das necessidades sociais” (Berardi, 2021, p. 110).

Em termos de antecedente histórico, Berardi situa o movimento estudantil internacional, com epicentro na rebelião na França em 1968, como “a emergência consciente do *general intellect*, como a primeira manifestação da autoconsciência do trabalho cognitivo” (Berardi, 2021, p. 18).

Fazendo referência ao mesmo acontecimento, Maurizio Lazzarato considera 1968 em duplo significado. Como ação de massas que sai da lógica de representação e negociação de partidos, sindicatos, patrões e Estado. Como disparador de respostas desde o *establishment* introduzindo novas formas de dominação apoiadas em dispositivos tecnológicos.

Sob a denominação de noopolítica, em que associa o grego *noos* a intelecto e ao nome de uma empresa provedora de internet, Lazzarato identifica técnicas dirigidas ao controle do cérebro, em que “a atenção (...) e a memória dos indivíduos são mobilizadas, fixadas e captadas ao mesmo tempo por signos, imagens e agenciamentos de enunciação (Lazzarato, 2006, p. 148).

A noopolítica pode operar em sentidos opostos. Pela manipulação de subjetividades a partir dos pressupostos do capital, ou pela ação emancipatória da cooperação entre os cérebros. Nessa direção, Lazzarato aponta para os movimentos post-socialistas, que seriam para ele uma resposta pautada pela invenção, em contraposição à guerra, preva-

lecendo nas formas de organização e conflitividade partidárias e sindicais: “A lógica da guerra é a da conquista ou divisão de um único mundo possível. A lógica da invenção é a da criação e realização de mundos diferentes no mesmo mundo, que ao mesmo tempo esvazia o poder que permite deixar de obedecê-lo” (Lazzarato, 2006, p. 201).

A experiência zapatista está aqui presente, incorporada por Lazzarato na sua crítica à absolutização do cognitariado como sujeito emancipatório, seja em abordagem classista substituindo o proletariado, ou pela redução da capacidade de inovação e transformação ao componente tecnocientífico da mente.

Os índios analfabetos de Chiapas se opõem à colonização de seus modos de vida pondo em movimento a dinâmica da cooperação dos cérebros (...) pondo em jogo conhecimentos heterogêneos (os saberes tradicionais dos próprios índios e os saberes dos “universitários”, que carregam na luta a “tradição” das formas de organização dos estudantes mexicanos). (op. cit., p. 120).

O significativo dessas formas de luta é a cooperação dos cérebros, que resulta na invenção de novos mundos que atravessam divisões entre campos materiais e imateriais, redefinindo ou criando institucionalidades, direitos e interlocuções.

Situando-se no interior desse debate, McKenzie Wark também relativiza a centralidade atribuída à dimensão cognitiva. Polemizando com a caracterização de uma nova fase capitalista, pergunta-se se o que vivenciamos é ainda capitalismo, ou algo pior. A partir da análise marxista da

“formação social” como combinação de modos de produção em que aquele que predomina define a natureza do sistema, subordinando os demais à sua dinâmica de acumulação, Wark aponta para a existência de um pós-capitalismo em que convivem formas capitalistas, latifundiárias, escravistas e informacionais de extração e apropriação de excedentes. A contradição fundamental está associada à assimetria na propriedade e distribuição da informação, em relação social que opõe a classe dominante “vetorialista” à classe dominada “hacker”.

Se a classe capitalista possui os meios de produção, a classe vetorialista possui os vetores da informação (...) que atravessam o espaço. Possuem os intensivos vetores da computação, que aceleram o tempo. Possuem os copyrights, as patentes, as marcas que capturam a nossa atenção, ou bem atribuem autoria a técnicas novas. Possuem os sistemas logísticos que gerem e monitoram o estado e deslocamento de qualquer recurso. Possuem as ferramentas financeiras que refletem o valor de cada recurso, e que podem aplicar-se aos mercados que determinam o possível valor de qualquer combinação futura desses recursos. Possuem os algoritmos que classificam e assignam uma informação particular numa circunstância particular. (2021, p. 75).

Longe de ser emancipatório, o pós-capitalismo descrito por Wark acentua o alcance e a intensidade da exploração. Ele é pior que seu antecessor porque esgota as fronteiras do mundo para a mercantilização, atingindo estágio em que “só pode canibalizar seus próprios meios de existência, tanto naturais como sociais” (2021, p. 66).

No lado oposto da contradição, a classe hacker “produz nova informação a partir de informação antiga” (Wark, 2021, p. 25). Seu tempo de trabalho extrapola “o ciclo estacional das colheitas ou o relógio do trabalhador; é de fato algo que acontece quando acontece, incluído o tempo empregado para o descanso” (op. cit. p. 60), já que se trata não de repetição de uma tarefa, mas da pressão para gerar sempre produtos diferenciados.

Nessa caracterização, Wark busca estabelecer matizes nas categorias utilizadas pela abordagem biocognitiva. “O poder da classe vetorialista não é cognitivo, e não é um poder sobre o ‘intelecto geral’ (...) Alcança tanto a corporeidade e a sexualidade humanas como o seu intelecto” (2021, p. 78). Por outro lado, aponta para a estrutura material requerida pelo processo de circulação da informação e os equipamentos que possibilitam seu uso, em que toma como exemplos as redes físicas de armazenamento e distribuição de Amazon e Walmart.

Para além das diferenças de perspectiva, que não nos parecem antagônicas, há convergência na indicação de esferas imateriais em processo de autonomização como parte de mudanças na ciência e na tecnologia. No entanto, ao mesmo tempo em que as possibilidades de geração de riqueza e crescimento humano parecem ilimitadas, acentuam-se os males originais do sistema em termos de exploração do trabalho, desigualdade e exclusão (Ayerbe, 2019). Em direção contrária da leitura liberal, na abordagem biocognitiva do intelecto geral como força produtiva, já entraram em combustão acelerada as relações sociais dominantes.

Adequando aos novos tempos a citação de Jorge Luis Borges que abre a seção, a ciência não avançou ao ponto de prescindir de instrumentos que permitam a extensão da memória, da imaginação, da inventividade, ou que são extensões da vista, da voz e das mãos. Nesse campo material de produção, distribuição e consumo, ainda reina o capitalismo.

A informação condensa o principal conteúdo do excedente produzido coletivamente pela interconexão em rede do intelecto geral, apropriado pelo capital biocognitivo (ou vetorialista) e transformado em mercadoria. Produto das capacidades criativas de uma classe cognitária (ou hacker), que pode tornar-se sujeito antissistema pela metamorfose do conhecimento em bem público comum.

Na pista dos primeiros passos desse potencial emancipatório, situa-se a contracultura dos anos 1960, em que convivem movimentos que reivindicam mudar a vida, com agendas voltadas para o campo estudantil, o pacifismo, a vida comunitária, a revolução social e a espiritualidade. Reconhecido como marco de liberação de energias que ampliam formas e conteúdos da ação social, impacta na mutação de sentidos e significados nas linhas de separação entre dimensões materiais e imateriais.

2.3. AQUÁRIO

“Todo apego cega, e empresta um halo imaginário de atração ao objeto desejado”. Paramahansa Yogananda (2006)

No século XIX, o império chinês começou a despertar crescente interesse por parte das potências ocidentais, desejosas de abarcar um mercado que na época calculava-se em 300 milhões de pessoas. No entanto, encontravam pela frente a forte resistência das autoridades do país, cuja tradição tinha sido de desdém em relação às ofertas de abertura ao intercâmbio comercial.

A confiança da elite governante na superioridade inquestionável e inabalável do seu modo de vida desestimulava a curiosidade em relação ao que acontecia no resto do mundo. Por que empreender relações com povos bárbaros que nada têm a oferecer e têm tudo a ganhar com as realizações do Império do Meio?

Apesar desse senso de superioridade, não estavam preparados para lidarem com o poder militar e a ambição expansionista da grande potência industrial e militar da época, Inglaterra, que iniciou uma ofensiva irresistível para impor à China a liberalização comercial.

Em 1842 e 1857, o imperador é obrigado a assinar tratados que permitem a abertura de portos marítimos e a

navegação de rios interiores para a entrada de mercadorias estrangeiras. A vitória sobre o governo chinês foi total e os agressores obtiveram aquilo que exigiram. Um inesgotável mercado estava aberto e pronto para ser ocupado.

Por motivos não previstos, as expectativas se frustraram. Trinta anos depois do primeiro tratado, a China exportava muito mais do que importava, seu chá e sua seda continuavam a atrair os consumidores ocidentais, mas o mesmo não ocorria com os chineses, que “inexplicavelmente”, se mostravam indiferentes em relação aos bens da moderna indústria europeia, o que incluía os mundialmente famosos tecidos ingleses.

Alguns comerciantes, atribuindo o fato ao descaso das autoridades e aos altos impostos, chegaram a pressionar o governo da Inglaterra para que obrigasse a China a comprar suas mercadorias, mas os representantes da Rainha Vitória no país já tinham consciência de que o problema era outro: os chineses não precisavam de produtos que nunca tinham sido parte dos seus hábitos de consumo.

As grandes potências arrasaram o poder do imperador como um furacão, que após o impacto inicial devastador, foi perdendo força, diluindo-se no vazio inusitado da indiferença do povo chinês. A indiferença tornou-se arma letal.

A eficiência de qualquer arma se mede pela capacidade de neutralizar o alvo para o qual se destina. O que se torna indiferente deixa de ser objeto de preocupações, liberta. Mas como o mesmo processo pode ultimar um outro? O alvo é atingido naquilo que alimenta sua existência, as autoexpectativas sobre seu poder, influência, importância, e a ambição de ser valorizado, emulado, desejado ou odia-

do. Assassinato imaginário pela ignorância olímpica, morte pela indiferença.

A atitude da população chinesa não é comparável às práticas indianas de desobediência civil e não-violência lideradas por Mahatma Ghandi contra o império inglês. A indiferença não é uma forma de militância, um exercício de conscientização impulsionado por ativistas que buscam criar um movimento contra alvo específico. A indiferença sinaliza o não interesse, sem gestos grandiloquentes. Como conceber uma busca sistemática pelo que não é desejado? Bastam a ignorância ou rejeição de oferecimentos, tornando-se letais a quem pretende, sem sucesso, a interlocução. O poder da indiferença se revela na espontaneidade de não tomar conhecimento.

No exemplo da China do século XIX, o não desejo pelas mercadorias ocidentais prescindia de conscientização. Mas a indiferença também pode resultar de processo adquirido, pelo conhecimento de outras indiferenças que se passa a compartilhar. Trata-se de persuasão sem palavras, despertando sensações que se instalam e se hospedam. Não decorre de ação indutiva, de convencimento, de propaganda. Como escreveu Fernando Pessoa: “Não querer é poder (...) O maior domínio de si próprio é a indiferença por si próprio” (1999).

Em tempos de capitalismo biocognitivo, se a indiferença aos seus apelos de consumo estivesse incorporada aos hábitos e costumes de parte significativa da população, operaria como anticorpo natural contra vírus e bactérias informacionais. Não é pouco frente a um sistema em que o intelecto, a informação, a comunicação e as emoções

tornam-se indivisíveis de estruturas de dominação que se subjetivam em diversas dimensões da vida. Em 1967, Guy Debord deu-lhe o nome de “Sociedade do Espetáculo”:

O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens. É o coração da irrealidade da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares de informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto do entretenimento, o espetáculo constitui o *modelo* presente da vida socialmente dominante (...) é o momento em que a mercadoria chega à *ocupação total* da vida social. (2003, p. 15).

A obra de Debord tornou-se uma das fontes inspiradoras dos movimentos sociais que sacudiriam a França em 1968, impactando, como vimos, manifestações similares ao redor do mundo. Não sei se o artista de rock argentino Moris tinha lido a *Sociedade do Espetáculo*, mas em 1973 gravou a música “Muchacho del Taller y la Oficina” (Rapaz da oficina e do escritório), retrato cruel da subjetivação alienada do gozo, reduzido à contemplação midiática de existências glamurosas: “E o teu ídolo deitado na piscina, te presenteia a alegria de viver”.

O rock imprimiu no mundo uma marca existencial de alcances inéditos na interação entre forma-conteúdo-transformação-abrangência-simultaneidade-velocidade. Uma contracultura que se globaliza introduzindo significados universais no particularismo de inumeráveis subjetividades juvenis.

Existem formas autodidatas de aprendizado que são fundamentalmente empíricas, por repetição e acúmu-

lo de vivências constitutivas de uma sabedoria que ajuda no transcurso cotidiano. Mas há também o conhecimento autodidata que provém do acesso a uma visão de mundo mais ou menos estruturada, seja pela ideologia, a política, a religiosidade, a arte, a sociabilidade, que em algum momento invade a mente com respostas prontas a inquietações que pareciam confusas. Diferentemente do saber escolar, que vem programado, essa pulsão eclética apresenta um mundo que se anuncia infinito.

Ícones do rock condensaram música e existência, projetando modos de vida que incorporavam seus próprios gostos artísticos, hábitos, inquietações, descobertas, tornando-se muitas vezes modelo de emulação. A trajetória dos Beatles, exemplo emblemático pela notoriedade e amplitude de influência, trouxe para a realidade de legiões de jovens gestas políticas e humanitárias, como a luta pacifista contra a intervenção estadunidense no Vietnã e o combate à fome em Bangladesh; exaltações pela erotização da vida, proclamando o amor livre em contraposição à guerra; a transcendência da realidade material, aderindo à meditação transcendental do guru Maharishi Mahesh Yogi, ou às terapias com LSD conduzidas pelo psicólogo Timothy Leary.

Ascender a estados superiores de consciência, por substâncias alucinógenas ou iniciação xamânica, tornou-se componente existencial de uma contracultura de desapego da sociedade de consumo, aclamação do espírito comunitário, e busca de conexão com dimensões imateriais.

Em 1961, Carlos Castaneda, estudante de antropologia da Universidade de Califórnia (UCLA), durante viagem para pesquisa de campo sobre usos de plantas medicinais

em rituais indígenas no norte do México, conheceu o índio Yaqui Don Juan Matus. A partir desse encontro, torna-se seu aprendiz, imerso em processo iniciático como “homem de conhecimento”. A experiência é relatada em vários livros, sendo que dois deles, *A erva do Diabo* e *Viagem a Ixtlan*, são resultado, respectivamente, da dissertação de mestrado e da tese de doutorado defendidas por Castaneda na UCLA.

Da leitura dessa experiência de iniciação, destacamos três ensinamentos de Don Juan que revelam parâmetros convergentes com a análise realizada neste capítulo:

1) A existência de esferas imateriais em que a consciência transcende o corpo físico: “nosso mundo é um mundo duplo, tem um gêmeo. Seu mundo oposto e complementar é um mundo povoado por seres que possuem consciência, mas que não possuem um organismo. Por essa razão, os xamãs chamavam-nos de seres inorgânicos” (2001, p. 172).

2) Os limites à realização humana expressos no domínio do processo que integra ciência e máquina: “as coisas práticas em que os cientistas estavam interessados conduziam à construção de máquinas cada vez mais complexas (que) não podem ajudar o homem de nenhuma maneira em seu compromisso inevitável: seu encontro com o infinito” (2001, p. 117-18).

3) A libertação pela indiferença, em desapego da própria história: “Don Juan disse que todos os que me conheciam tinham uma ideia a meu respeito, e que eu alimentava essa ideia com tudo o que fazia (...) Por outro lado, se você não tem uma história pessoal, nenhuma explicação é necessária;

ninguém fica zangado ou desapontado com suas ações. E acima de tudo, ninguém te amarra com seus pensamentos” (1975, p. 34).

As experiências xamânicas de Carlos Castaneda, assim como as projeções de fim de ciclo de José Argüelles baseadas na cosmologia Maia, tornaram-se fontes de referência da Nova Era, movimento em que convergem correntes heterogêneas, mas que compartilham a convicção de que está em andamento um processo de alinhamento planetário em sintonia com a chegada da era astrológica de Aquário. Não há consenso entre óticas oriundas do espiritualismo, da astronomia e da astrologia na delimitação temporal do seu início. Dependendo da perspectiva, trata-se de acontecimento situado no século XX, ou ainda em fase de gestação, apontando-se diferentes datas de acordo com a interpretação.

Em 1967, estreia o musical *Hair*, obra expressiva desse espírito de época, cuja trama acompanha a vida de um grupo de jovens hippies em Nova York. Em rebelião contra o alistamento obrigatório para a guerra de Vietnã e valores familiares tradicionais, contrapõem o amor livre e o sentido de comunidade que associam à chegada da Era de Aquário. Seus ideais são revelados na letra da canção que abre a peça, *Let the Sunshine In* (Deixe a Luz do Sol Entrar):

Quando a lua está na sétima casa/ E Júpiter alinhado
com Marte/ A paz vai guiar os planetas/ E o amor irá
além das estrelas/ Esse é o começo da era de Aquário/
(...) Harmonia e compreensão/ Simpatia e confiança
em abundância/ Nenhuma falsidade ou escárnio/

Visões vivas de sonhos dourados/ A revelação do
Cristal místico/ E a verdadeira liberação da mente.

O sentido de elevação em sintonia cósmica trazido pela Nova Era dissemina parâmetros de transcendência que fortalecem a individualidade, impactando na institucionalidade religiosa. Conforme aponta Salomé Marivoet, o movimento “alicerça-se em axiomas evolucionistas da humanidade (...) em que entidades não físicas (...) se comunicariam com seres terrenos para lhes fornecerem informações (...) que capacitariam o acesso dos humanos a estados de vibração mais sutis” (2015, p. 9). Essa interação espiritual se processa no “interior dos indivíduos e em observância com o seu livre arbítrio, e desse modo suprimindo o papel mediador das tradicionais hierarquias eclesiásticas” (Marivoet, 2015, p. 22).

Convivendo com o processo de globalização das comunicações nos anos 1960, que posteriormente atinge novo patamar pelo desenvolvimento da internet, a difusão e o impacto na adesão à nova espiritualidade ganham em amplitude. Ao mesmo tempo, a abertura das universidades e centros de pesquisa para abordagens multidisciplinares propicia a incorporação de temáticas que lidam com fenômenos extrafísicos. Assume-se o princípio de que narrações de experiências perceptivas da mente ou do espírito, dependendo da concepção ou crença de quem as relata, mesmo fora do radar do mensurável com o instrumental científico existente, não as condena à irrelevância, podendo abrir novas frentes de investigação.

O Projeto de Consciência Global em Princeton, os programas de pesquisa noosférica do Instituto Estadual de

Cultura de Altai, e a receptividade da área de antropologia da UCLA para abordagens como a de Castaneda, são exemplos dessa interação entre ciência e transcendência, alimentando afinidades em direção à perspectiva de cooperação dos cérebros.

No entanto, a herança da contracultura é também fonte de alimentação do sistema, que se traduz no surgimento de negócios e organizações cujo sustentáculo material tem como base a mercantilização de valores que reivindicam a Nova Era. Em âmbito corporativo, ganha projeção uma burguesia que se autoidentifica com essa tradição, com visibilidade elevada no empresariado tecnológico do Vale do Silício californiano.

De vestimenta informal, liberais nos costumes, pregam um destino humano igualitário pelo automatismo da difusão da tecnologia e sua incorporação às diversas dimensões da vida cotidiana. Mckenzie Wark os inclui na classe “vetorialista”: assim “como nas cosmovisões do capital na época do feudalismo, a ideologia da Califórnia prometia uma liberação universal, mas sua ascensão resultou ser só a liberação de uma nova classe dominante” (2021, p. 97).

Mesmo considerando essa dicotomia de heranças, o movimento da contracultura contribuiu para tornar o capitalismo mais aberto e tolerante com a diversidade de valores e modos de vida. Seu impacto trouxe desdobramentos políticos significativos, como bem exemplificam as guerras culturais da reação conservadora contra o multiculturalismo, conforme abordado no primeiro capítulo.

Na compreensão aqui adotada, busca-se evidenciar e colocar em relevo sintonias libertárias. Como no exemplo

da população chinesa de não-ação que esvaziou de conteúdo a estratégia inglesa, tornando ineficaz sua força material, vertentes que se identificam com a tradição sessentista abrem portais de fuga para esferas imateriais.

As nomenclaturas variam, acompanhando a diversidade de perspectivas: noosfera, intelecto geral, Aquário, mas há uma convicção comum: o impacto coletivo de mutações no campo da mente, capazes de metamorfosear sentidos e significados consubstanciados em modos de vida nocivos à humanidade e ao planeta.

3. ITINERÁRIOS

“A ilusão radical do mundo é um problema enfrentado por todas as grandes culturas e que é resolvido através da arte e simbolização. O que nós inventamos a fim de dar conta desse mal-estar é um real simulado, que doravante suplanta o real como a sua solução final, um universo virtual do qual tudo o que é perigoso e negativo foi expulso”. Jean Baudrilhard (2012)

1. Na trilogia *Matrix*, das irmãs Lilly e Lana Wachowski, corpos em repouso conectados a uma máquina vivem existências alternativas ao sabor de cenários possibilitados por incomensurável inteligência artificial, embora de finitude atrelada à fisiologia da criatura física.
2. Em episódio do seriado *Black Mirror*, criado por Charlie Brooker, é possível ser quem se desejar em San Junipero, transitando por ambientes recriados por imaginário resguardado em arquivo de memória consolidado no momento da passagem, e armazenado em repositório material de vidas passadas.

3. Com frequência, a ficção científica e a vida real se inspiram mutuamente. Roupas, formas de comunicação, transporte e construção edilícia que fazem parte de gostos, hábitos e paisagens do presente, foram alguma vez visualizadas como cenários futuristas de histórias em quadrinhos, televisão e cinema.
4. Atualmente não é preciso morrer para se instalar em Junipero. Basta ter tempo, dinheiro, e comprar um terreno no Metaverso, espaço virtual em que a propriedade de uma parcela dá o direito e a liberdade de criar os itens que farão parte do cenário, desde a moradia dos sonhos, veículo, vestimenta, além de interagir na vizinhança com avatares de aspecto humano. Descrito por Mark Zuckerberg como “um entorno persistente e sincrônico no qual podemos estar juntos” (Vázquez, 2021), se parece mais a descrição de Baudrillard de “um universo virtual do qual tudo o que é perigoso e negativo foi expulso”.
5. “Sem sair da porta. Pode-se conhecer o mundo” (Lao Tse, 2021). A casa é o centro em torno do qual o mundo gira. Como num banquete em que convidados são servidos por garçons que circulam com suas bandejas, escolhendo e consumindo até ficarem satisfeitos. Passa-se algum tempo, o desejo volta, e retorna-se ao banquete. Nos intervalos de interação com o modo off-line, a janela, a varanda e a tela continuam sendo invadidas por imagens do espetáculo não escolhido da vida fora do Metaverso. Um

desfile de rostos antigos e ansiosos à procura do seu lugar, só que não foi assignado, porque o seu lugar é estar sempre à procura de um lugar.

6. Assim como na *Matrix* e Junipero, o Metaverso só funciona através de instrumentos idealizados, fabricados e comercializados no mundo material. Até para viver no sonho, precisa-se de mãos e máquinas que propiciam valor de uso à mercadoria onírica.
7. Vive-se a atualidade de Arthur Rimbaud na sua *Temporada no Inferno*: “A mão que empunha a pena equivale à que guia o arado. – Que século de mãos! – Jamais me servirei das mãos! Depois, a domesticidade leva demasiado longe” (2021). Hoje a mão escreve, lavra, digita, seleciona, copia, recorta, cola e distribui filosofia de vida enviando emojis. O empresário Steve Jobs publicitava a substituição do teclado físico no seu “telefone inteligente” anunciando “o mundo na palma da mão”. Diria Rimbaud: A domesticidade nos levou a um novo século de mãos!
8. Em paisagens cotidianas na *Matrix*, abre-se o convite a abraçar o ser global em anunciados territórios livres à criatividade, em ambientes de trabalho aparentemente desregrados como os da multinacional Google, onde o cognitariado vende suas horas na esperança de inventar o aplicativo que o projete ao patamar de sucesso do seu patrão biocognitivo.

9. Quando acaba o espetáculo vem o incômodo. A adversidade mostra o rosto de destino invariável. Entra-se em Modo Crise, relaxam-se critérios de qualidade em função de um mínimo de previsibilidade. Resignam-se desejos. Lógica de ajuste, de adesão ao mínimo indispensável. Descrença ou desilusão de indivíduos e sociedades com promessas de conquistas cumulativas e progressivas, abrindo portas à sedução de catarses performáticas.
10. Cenário propício da emergência do lumpen, espetacularizado na estética *Joker* (Coringa), do filme de Todd Phillips e Scott Silver. Reduz-se a expressão popular reivindicatória à imagem assombrada de *jokers* em insurgência contra tudo e contra todos, diluindo na multidão personagem de submundo cujos males de origem e trajetória não obscurecem seu espírito lumpen: maximização predatória e ilimitada de interesses sem distinções de classe, raça, gênero, ambiente, vida. A barbárie como método de sobrevivência ou ascensão social, oportuna companhia do fascismo.
11. Livre arbítrio sem barreiras. Como na cena de *O Fantasma da Liberdade*, de Luis Buñuel, em que atirador posicionado no alto de um prédio alveja transeuntes anônimos. “Lobos solitários” que disparam a esmo em escolas, locais de trabalho, ruas. Aviões e drones bombardeando cidades. E no lado oposto, um coletivo de seres esmagados sem remorso, à mer-

cê de obscuro poder de escolha sobre quem sacrificar pelo “bem maior”.

12. Parte substancial das tragédias do mundo se origina das ações de quem se leva demasiado a sério, tornando sua efêmera existência um campo de batalha de tudo ou nada para instalar uma inerentemente limitada utopia do bem e do mal. Como afirmava Eric Hobsbawm, “O verdadeiro problema não é querer um mundo melhor: é acreditar na utopia de um mundo perfeito (...) apenas aqueles com expectativas modestas em relação ao mundo podem evitar infligir-lhe males e sofrimento” (2000, p.192). Entre o conservadorismo utópico e o progressismo nivelador.
13. Há diferentes conservadorismos. Aquele que busca preservar tradições, hábitos, costumes, cosmovisões que dão sentido a histórias e trajetórias de vida cuja continuidade é geradora de conforto. Sua reivindicação existencial não significa questionamento da diversidade, mas direito a ter direitos. Preservacionista da casa, do ambiente, da natureza.
14. Há o conservadorismo supremacista, que transforma uma distinção natural ou construída em fator de discriminação pelo estigma, a subordinação forçada, podendo-se tornar excludente por *apartheid*, genocídio ou expulsão territorial.

15. Excludente ou não, violenta ou não, a exaltação de supremacias engrandece identidades construídas. Pela cor de pele, religião, território de moradia e/ou nascimento, família, partido político, ideologia, sexualidade. Celebrado em cerimônias para enaltecer “virtudes”. Propaganda, marketing, veiculação profissionalizada da autopromoção de pessoas, empresas, organizações e produtos. Desfiles que expressam, divulgam, vendem e empoderam modas, identidades, orgulhos e instituições. Por que hierarquizar a pluralidade?
16. A reação conservadora abordada no primeiro capítulo é supremacista. Seus medos e expectativas de ameaça existencial exaltam um modo de vida “metaverso” que se acredita passível de tornar paraíso na Terra. Tentativas de materializar essa utopia pressuporiam transitar para o supremacismo excludente. Se bem as possibilidades estruturais dos fascismos como ordem estabelecida nunca foram perenes, os danos no percurso das suas acometidas para emplantar são inquantificáveis.
17. Frequentemente deparamos com ideias e posições das quais discordamos rotundamente, mas que nos situam no vislumbre de medos expressivos de cenários realistas. O desassossego dessa direita com o estorvo do convívio com outros mundos, revela a possibilidade de itinerários em sintonia libertária.

18. No centro desse desassossego situa-se a ameaça do “marxismo cultural”, ganhando expressão pelo multiculturalismo, a correção política e o globalismo, atuando na sociedade civil, nas instituições e organizações nacionais e internacionais, com impacto no espírito das leis. A continuidade e aprofundamento desse processo demonstra potencialidade de relativizar identidades que reivindicam origem ocidental e cristã, tornando-se parte de tantas outras de diversa abrangência e significado que também demandam seus espaços. Sem hierarquias e limites pré-estabelecidos. Direito a ter direitos.
19. A rejeição ao globalismo aponta para uma elite apátrida que empobrece os trabalhadores nacionais pela perda de empregos, precarização e rebaixamento de salários. Embora essa rejeição coloque políticos, empresários, artistas, intelectuais e militantes sociais em conglomerado indiferenciado “marxista cultural”, há convergência com a esquerda na associação de parte dessa elite ao neoliberalismo, especialmente as corporações biocognitivas. Divergem na busca de soluções: controle supremacista de migrações por raça, etnia, religião, origem regional e condição social. Estabelecimento de patamares universais de renda básica, no caminho de sociedades pós-trabalho, construindo institucionalidades condizentes com o reconhecimento da pluralidade, em igualdade e liberdade.

20. O capitalismo liberal capitaneado pelos EUA e o socialismo da ex-União Soviética alimentaram expectativas e disputas pela busca de universalização como destino da humanidade. O universalismo pós-capitalista aqui abordado, embora crítico dessas experiências, incorpora algumas das suas premissas: a aceleração tecnocientífica como força produtiva revolucionária na geração de riqueza, a proteção universal à segurança material garantida pelo Estado. Nos dois modelos, a liberdade sempre invocada tornou-se relativa e problemática.

21. Boris Groys ilustra bem essa ambiguidade com a afirmação provocadora de que havia maior liberdade na ex-União Soviética do que nos países capitalistas. A que liberdade ele se refere?

A única liberdade que realmente conta é não trabalhar. E nos países comunistas governava uma burocracia que, pelo menos essa foi a minha experiência, era bastante frouxa. Então você pode facilmente escapar. Ninguém pode escapar, porém, das redes do mercado. Você não pode enganar o mercado porque depende dele, do dinheiro que ele lhe dá para viver. Existe um equívoco no Ocidente: a vida é cheia de desejos. Mas se você realmente liberar alguém de suas obrigações, ele vai dormir. A verdadeira liberdade não está funcionando. Por isso havia tanta liberdade nos países comunistas, porque ninguém fazia nada. E é por isso que há tão pouca em um mundo dominado pelo mercado. (Groys, 2008).

22. Liberdade associada ao não trabalho. Impossível sob o império do mercado, limitada no estatismo soviético às brechas na burocracia. Como vimos no primeiro capítulo, analistas liberais e de esquerda coincidem na visualização de uma sociedade pós-trabalho, sem que isso afete a produtividade e a geração de riqueza. Abrir-se-iam, nessa perspectiva, possibilidades ao que Groys aponta como verdadeira liberdade.

23. Podem-se inventar existências no Metaverso, mas nos limites de acesso e permanência da ordem dominante. No entanto, é imaginável transcender demarcações materialistas do ser no horizonte do mundo pós-trabalho, em projeção noosférica, conectividade do intelecto geral, e regência de Aquário. Esfera de cérebros em cooperação. Aproximando natureza, sociedade e indivíduo. Transmutando consciência global em práticas emancipatórias.

24. Fora de ordem? Como na música de Caetano Veloso: “Alguma coisa está fora da ordem”.

25. Ordens consagram estruturas materiais e ideais que hierarquizam seres vivos, mas não exercem controle absoluto sobre possibilidades de situar-se no mundo. Há *estrategistas*, na vanguarda da idealização e legitimação de ordens políticas, econômico-sociais, espirituais. Há *funcionais*, na retaguarda de suporte, por interesse, convencimento ou alienação. Há *artis-*

tas, revelando portais de saída pela criatividade, desvendamento e ação. A ninguém está negada a possibilidade de ser ou tornar-se artista, por momentos ou para sempre...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arendt, Hannah (1998). *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Argüelles, José (2012). *Manifesto por la noosfera*. Madri: Editora EDAF.
- Arquilla, John; Ronfeldt, David (2020). Whose story wins: rise of the noosphere, noopolitik, and information-age statecraft. Santa Monica: Rand.
- Ayerbe, Luis Fernando (2019). *Tempos de reinvenção. Ordens antigas na desordem do mundo presente*. São Paulo: Editora Unesp.
- Barbosa, Pedro; Torres, Rui (2017). Materialidade e transdimensionalidade nas novas textualidades electrónicas: uma transição de paradigma? Edições Universidade Fernando Pessoa (https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/6014/1/ciber8_11.pdf)
- Baudrillard, Jean (2012). “Matrix” revisitado: por que Jean Baudrillard não gostou do filme? Entrevista ao *Le Nouvel Observateur*, 30 de agosto (<https://revistaforum.com.br/blogs/cinegnose/matrix-revisitado-por-que-jean-baudrillard-nao-gostou-do-filme/>)
- Berardi, Franco (2020a). Subjetivación cognitaria. In: Reis, Mauro (Comp.) (2020). *Neo-Operaísmo*. Buenos Aires: Caja Negra.

- _____ (2020b). *Asfixia. Capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem*. São Paulo, Ubu Editora.
- _____ (2021). *La segunda venida*. Buenos Aires: Caja Negra.
- Borges, Jorge Luis (2011). *Borges, oral & siete noches*. São Paulo, Companhia das Letras.
- Bulla, Beatriz (2019). “O populismo é o futuro da política”, diz ex-estrategista de Trump. *Revista Exame*, 17 de fevereiro (<https://exame.com/mundo/o-populismo-e-o-futuro-da-politica-diz-ex-estrategista-de-trump/>)
- Calabrò, Maria Antonietta** (2021). Estados Unidos, três dias antes do assalto, o incitamento de Viganò, inimigo do Papa Francisco. 8 de janeiro (<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/605990-estados-unidos-tres-dias-antes-do-assalto-o-incitamento-de-vigano-inimigo-do-papa-francisco>)
- Calderon de la Barca, Pedro (2011). *La vida es sueño*. Ebook, Amazon.
- Castaneda, Carlos (1975). *Viaje a Ixtlan*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica.
- _____ (2001). *O lado ativo do infinito*. São Paulo: Nova Era.
- Debord, Guy (2003). *A sociedade do espetáculo*. São Paulo: Coletivo Periferia.
- Diammandis, Peter (2017). Entrevista ao jornal *Folha de São Paulo*, 25 de junho (<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/06/1895832-trabalhar-para-sobreviver-nao-sera-mais-necessario-diz-cofundador-da-singularity-university.shtml>).

- EZLN (Exército Zapatista de Libertação Nacional) (1996). Cuarta declaración de la selva Lacandona (<https://enlacezapatista.ezln.org.mx/1996/01/01/cuarta-declaracion-de-la-selva-lacandona/>)
- _____ (1997). 7 piezas sueltas del rompecabezas mundial. In: (<https://www.rebellion.org/docs/121951.pdf>)
- Feder, Lester (2016). This is how Steve Bannon sees the entire world, *BuzzFeed News Reporter*, 15 de noviembre (https://www.buzzfeed.com/lesterfeder/this-is-how-steve-bannon-sees-the-entire-world?utm_term=.wbD8dW3mz2#.in6M9jYnJ0)
- Fumagalli, Andrea (2020). Veinte tesis sobre el capitalismo contemporáneo (capitalismo biocognitivo). In: Reis, Mauro (Comp.) (2020). *Neo-Operaísmo*. Buenos Aires: Caja Negra.
- Galiano, Alejandro (2020). *¿por qué el capitalismo puede soñar y nosotros no?* Buenos Aires: Siglo XXI Editores.
- Gordina, Liubov; Limonad, Michail (2008). *Noospheric ethical/ecological constitution for mankind*. Oakley: Eugene Pakman.
- Gramsci, Antonio (2002). *Cadernos do cárcere*, v. 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Groys, Boris (2008). El consumo es hoy la gran ideología, 28 de julho (https://elpais.com/diario/2008/07/26/babelia/1217029811_850215.html)
- Harari, Yuval Noah (2018). *21 lições para o século 21*. São Paulo: Companhia das Letras.

- Higgins, Rich (2017). Potus & Political Warfare (<https://unconstrainedanalytics.org/wp-content/uploads/2018/09/Political-Warfare.pdf>)
- _____ (2020). The White House fired me for my loyalty, *The Wall Street Journal*, 12 de fevereiro (<https://www.wsj.com/articles/the-white-house-fired-me-for-my-loyalty-11581526372>)
- Hobsbawm, Eric (2000). *O novo século*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Holloway, John (2001). “El zapatismo y las ciencias sociales en América Latina”. In: *Observatório Social de América Latina*, n.4, junho. Buenos Aires: Clacso.
- Ivanov, Andrey V. et. al. (2014). Altai as a centre of Eurasian cooperation. In: *Journal of Himalayan Research and Cultural Foundation*, v.18, n.3-4, julho-dezembro
- Jung, Carl (2012). Sincronicidade. In: *Obras completas de Carl Gustav Jung*, v. 8/3. São Paulo: Editora Vozes.
- Kimball, Linda (2019). Cultural Marxism, 7 de julho (<https://www.renewamerica.com/columns/kimball/190707>)
- _____ (2021). Progressive utopian cultural Marxism poisoning minds, churches, schools, politics. 23 de março (<https://www.renewamerica.com/columns/kimball/210323>)
- Laboria Cuboniks (2017). Xenofeminismo: una política por la alienación. In: Avanesian, Armen; Reis, Mauro (Comp.) (2017). *Aceleracionismo. Estrategias para una transición hacia el postcapitalismo*. Buenos Aires: Caja Negra.

- Landes, David (1998). *A riqueza e a pobreza das nações*. Rio de Janeiro: Campus.
- Lao Tse (2021). *Tao Te Ching*, 18 de agosto de 2021 (<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/le000004.pdf>)
- Lazzarato, Maurizio (2006). *Por una política menor. Acontecimiento y política en las sociedades de control*. Madrid: Traficantes de sueños.
- Le Bot, Yvon (1997). *Subcomandante Marcos. El sueño zapatista*. México, D.F: Plaza & Janés.
- Marivoet, Salomé (2015). A Espiritualidade da Nova Era como fenómeno religioso emergente das sociedades contemporâneas reflexivas e pós-tradicionais. I Congresso Lusófono de Ciência das Religiões, Lisboa, 9 de outubro (https://www.academia.edu/30678430/2015_P%C3%B3s_Tradi%C3%A7%C3%A3o_Movimento_Espiritual_da_Nova_Era_pp_6_24_pdf)
- Marx, Karl (2011). *Grundrisse*. Rio de Janeiro: Boitempo.
- _____ (2021). *Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. 20 de agosto (<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ma000054.pdf>)
- _____; Engels, Friedrich (2008). *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Editora Expressão Popular.
- Mason, Paul (2016). *Postcapitalismo. Hacia un nuevo futuro*. Barcelona: Paidós.
- Mouffe, Chantal (2020). *Por um populismo de esquerda*. São Paulo: Autonomia Literária.

- Murray, Charles (2016). A guaranteed income for every American. *American Enterprise Institute*, 3 de junho (<http://www.aei.org/publication/a-guaranteed-income-for-every-american/>)
- Nelson, Roger (2010). Scientific evidence for the existence of a true noosphere: Foundation for a Noo-Constitution. Paper for the World Forum of Spiritual Culture, The Noo-Constitution, Astana, Kazakhstan (https://noosphere.princeton.edu/papers/pdf/noosphere_forum.3.pdf)
- Newman, Alex (2020). “Great Reset” transhumanism: merging man & machine, 2 de dezembro (<https://thenewamerican.com/great-reset-transhumanism-merging-man-machine/>)
- Pessoa, Fernando (1999). *O livro do desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Radosh, Ronald (2016). Steve Bannon, Trump’s top guy, told me he was ‘a leninist’, Daily Beast, 26 de agosto (<https://www.thedailybeast.com/steve-bannon-trumps-top-guy-told-me-he-was-a-leninist>)
- Rimbaud, Arthur (2021). *Uma estação no Inferno*, 23 de agosto (<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000029.pdf>)
- Ronfeldt, David. et. al. (1998). *The Zapatista social netwar in México*. Santa Monica: RAND.
- Ruocco, Juan (2021). QAnon: delírio como arma ideológica do capital, 28 de janeiro (<https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/qanon-delirio-como-arma-ideologica-do-capital/>)
- Schwab, Klaus; Malleret, Thierry (2020). *Covid-19: El Gran Reinicio* (Genebra: Forum Publications)
- Srnicek, Nick; Williams, Alex (2017a) Manifiesto por una política aceleracionista. In: Avanesian, Armen; Reis, Mauro (Comp.) (2017). *Aceleracionismo. Estrategias para una transición hacia el postcapitalismo*. Buenos Aires: Caja Negra.
- _____ (2017b). *Inventar el futuro. Postcapitalismo y un mundo sin trabajo*. Barcelona: Malpaso.
- Teilhard de Chardin, Pierre (1970). *O fenómeno humano*. Porto: Livraria Tavares Martins.
- The Economist (2017). Um agitador na Casa Branca, *The Economist*, reproduzido por *O Estado de São Paulo*, 5 de fevereiro (<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,um-agitador-na-casa-branca,70001653279>)
- Vázquez, Karelí (2021). De paseo por el metaverso, donde uno puede ir a museos, comprar un coche volador o construir una catedral, *El País*, 15 de agosto (<https://elpais.com/ideas/2021-08-15/de-paseo-por-el-metaverso-donde-uno-puede-ir-a-museos-comprar-un-coche-volador-o-construir-una-catedral.html>)
- Vernadsky, Vladimir I. (2017). “O Pensamento Científico como Fenômeno Planetário”. *Khronos*, Revista de História da Ciência, n.4 (<http://revistas.usp.br/khronos>). Acesso em 18/08/2021.
- Virno, Paolo (2020). General Intellect., In: Reis, Mauro (Comp.) (2020). *Neo-Operalismo*. Buenos Aires: Caja Negra.
- Wark, McKenzie (2021). *El capitalismo ha muerto. El ascenso de la clase vectorialista* Barcelona: Holobionte Ediciones.

Yogananda, Paramahansa (2006) *Autobiografía de un Yogui*. Los Angeles: Self-Realization Fellowship.

Zhernosenko, Irina (2019). Culture-creative school as a resource for the formation of the region “Gorny Altai”. In: *Advances in Social Science, Education and Humanities Research*, v.310, outubro (<https://www.atlantis-press.com/proceedings/iccese-19/55915806>)

SOBRE O AUTOR

Luis Fernando Ayerbe é mestre em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e doutor em História pela Universidade de São Paulo (USP). Com passagem pela Universidade de Harvard e pela Universidade Autônoma de Barcelona como pesquisador visitante. É professor titular aposentado de História Geral da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Autor de artigos e livros, entre os quais: *Los Estados Unidos y la América Latina. La construcción de la hegemonía*, que recebeu o Prêmio Casa de las Américas 2001, e *Tempos de Reinvenção. Ordens antigas na desordem do mundo presente*, publicado em 2019 pela Editora Unesp.

www.luisfernandoayerbe.site